
Princeton University Library
32101 063972432



A PESCA,

POEMA,

QUE A SEUS ILLUSTRES, E PRESADOS COLLEGAS

O. D. C.

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

Podes julgar se he clara a differença
Entre o Canto maritimo, e o campestre.

[*Cam. Eclog.* 6.

AOS SEUS PRESADISSIMOS,

E AMABILISSIMOS COLLEGAS

EM SIGNAL DE GRATIDÃO, E RECONHECIMENTO

O. D. C.

ESTE ESCASSO PARTO DE SUAS LIMITADAS LUZES,

E PRIMEIRA PRODUCÇÃO LITERARIA

F. A. M. Bastos.

PROLOGO

(Para intelligencia da Obra.)

He costume ordinario empregar-se hum Prologo no principio de huma Obra, diz hum Sabio Autor Francez, ou para servir de introducção á mesma, ou para captar a benevolencia dos leitores, ou em fim para fazer maior o Volume. Eu só da primeira razão necessito para em breves termos dar huma idéa succinta dos motivos, que me obrigárão a compôr este Poema.

A intima amizade, que contrahi com a Illustre Pessoa, que aqui serve de Heróe; o passeio, a musica, o divertimento de colher pelas praias do Caramujo, termo de Almada, differentes qualidades de mariscos, e finalmente a pesca nunca interrompida, fizerão em mim tal impressão, que me determinei a celebrar este ultimo divertimento, a que sempre fui propenso; e porque era, e he aquelle, que alli mais cultivão as Illustres Familias, que a este Sitio concorrem no tempo dos banhos. No dia 10 de Setembro de 1826, quando eu contava 27 annos de idade, estando todos, como costumavamos, applicados ao nosso divertido exercicio, passeando no largo com grande prazer, appareceo de repente Belmiro, debaixo de cujo nome se intitula o Heróe da acção, acompanhado de outro amigo nosso, trazendo por huma corda huma masseira velha, ou gamella de

amassar pão, muito rôta por todos os lados. Todos perguntarão, para que trazia tal cousa; e elle respondeo, que era para nella hirmos pescar.

Todos estimámos, principalmente eu, tal descoberta de vaso, para duplicarmos nosso regosijo nesta tarde.

Logo, convocando elle alguns amigos, comigo começou a concertalla do modo, que melhor foi possivel; nella mettemos as redes, e vogámos para o mar, elle, e eu sómente, porque ninguem mais se atreveo a acompanhar-nos. Muitas pessoas, principalmente huma Senhora, sua filha, e mais familia nos dissuadião de tentar o rio naquelle vaso pequeno, e velho; mas desprezados estes avisos, e confiados em saber bem nadar, comettemos nossa viagem. Estando porém já muito distantes de terra, repentinamente sobreveio tão horrivel tempestade, que á vista de todos fez voltar o barquinho comnosco, que, privados de vêr a terra por causa do aguaceiro, com relampagos, raios, trovões, pedra, etc. nos custou tomar a praia apezar das nossas forças em nadar. Em fim chegámos á praia, e mandámos soltar hum bote, que estava prezo a hum cáes de pedra, para trazer a canôa, e as redes, que ficárão no largo, as quaes trouxerão peixe, de que se fez huma merenda esplendida, como nunca tivemos, o que bem se póde inferir pelos successos, que lhe antecedêrão, que posto sejão debuxados com tosco pincel, forão brilhantes. Julgo desneccessario explicar-me com mais diffusão para dar a entender o objecto desta Obra, que logo me propuz compôr, e quanto antes dar á estampa. Porém infinitos obstaculos fisicos, e moraes me tem privado de o fazer até agora, que com mais descanço o faço.

Confesso ingenuamente que não he minha tenção fazer-me célebre nesta pequena producção literaria, que he a primeira, que emprehendo: eu bem conheço quanto he rasteira a esphera de meus conhecimentos, e quanto o meu nome he desconhecido no Orbe das Letras: nunca fiz huma Quadra, antes de intentar compôr este Poema. Os meus presados Condiscipulos o sabem, eu escuso dizer mais. Mas se não foi do agrado do nosso Autor conceder-me cinco talentos, mas só hum, não quero seguir o exemplo do servo, que o escondeo, e enterrou, sem a si, nem a seu Senhor aproveitar. Com este pequeno talento me lisongeio de poder mostrar aos meus amados Collegas, hum signal de gratidão, e eterno reconhecimento, dedicando-lhes logo as primicias de meu escasso talento; e não ficarão sepultadas no perpetuo esquecimento as assiduas diligencias do nosso incansavel Peixoto (1), em cuja Aula recebemos os conhecimentos de Latinidade, que tão clara, e elegantemente nos explicava; nem a morte terá poder de sepultar com o P. M. Doutor Fr. João de Sousa (2), verdadeiramente Sabio, o seu nome, que quando o pronuncío me sinto penetrado de viva saudade; nem os desvélos do nosso mellifluo Oliveira (3),

(1) O Illustrissimo Senhor Conego Thomaz Peixoto de Figueiredo, Professor de Latinidade no Bairro do Rocio.

(2) O P. M. Doutor Fr. João de Sousa, Lente de Phylosophia no Bairro Alto.

(3) O Illustrissimo Senhor Henrique Henriques de Brito e Oliveira, Professor de Rhetorica, Poetica, e Historia no Bairro do Rocio.

cujo nome he o seu maior elogio; finalmente para louvor de todos elles basta o silencio, já que a lingua não póde exprimir, o que a alma sente, nem a penna escrever, o que o coração dicta.

Se a Poesia he hum dom de Deos, hum orgão por que Sua Alta, e Divina Sabedoria se Dignou tantas vezes fallar aos homens, como se vê dos Sagrados Livros, podemos dizer, que todos os Professores desta Arte, excepto os Divinamente inspirados como Moysés, David, etc. todos são criticados de defeitos; porque razão me posso eu julgar livre delles, sendo homem? Não, eu estimo ser avisado dos meus erros para os corrigir, por isso dedico a minha Obra a quem sinceramente me póde ensinar, e diante de quem minha ingenua sujeição respeitosamente se curva. Entre outras eruditas pessoas, a quem mostrei este Poema, para o corrigir, foi em ultimo lugar ao Senhor José Maria da Costa e Silva, assaz conhecido por seus relevantes estudos, que se dignou revê-lo, e retocar, de que muito me honro, por ser conduzido por tão sábio Mentor, certo de que sempre costuma fallar com candura, e imparçialidade. Agora resta que os meus Leitores fação o mesmo, em quanto sou vivo, porque depois da morte nem elogios me lisongeão, nem vituperios me affrontão, nem críticas me corrigem.

Ao Senhor José Maria da Costa e Silva.

SONETO.

Incomparavel Silva, caro amigo,
Assombro portentoso Lusitano,
Que a Tuba, a Avena herdaste ao Mantuano,
Que assento junto tens do Ermirneo antigo.
Não vem minha Obra em ti buscar abrigo,
A desculpar qualquer defeito humano;
Mas sim puro, sincero desengano,
Emenda justa, e áspero castigo.
Ou muda, ou tira, ou põe, risca, censura,
Como te parecer, pois bem conheço
Que fino gosto o teu Saber apura.
Que a minha Musa he baixa, eu o confesso;
Hoje rasteira nasce, nasce escura;
Caio aqui, d'alli fujo, alem tropeço.

Ao que o dito Senhor respondéo na seguinte

EPISTOLA.

De escrever bem saber primeiro he fonte;
Ferreira o disse, ou a Razão por elle.
Sabes, tens Natureza, Arte grangêa.
Já no bífido Monte ousado entraste;
As Musas te recebem, te conduzem
Por seus verdes caminhos tortuosos;
Já te dictão Canções de novo estilo,
Com que dês honra a ti, e á Patria Lingua.
Não te assustem dos Zoilos os latidos,
Criticão-te? Em resposta dá somente

Mais lima, e mais apuro em teus Escriptos.
Tudo conseguirás do estudo, e tempo.
A Aguia, que soberba erguendo o vôo,
Nuvens transpõe, vai encarar os Astros,
Deixando o ninho, não subio tão alto,
Mas ensaiou primeiro as debeis pennas
Até força adquirir; vôo era d'Aguia,
Porem d'Aguia nascente; o bom Racine,
Não chegou, mal que o passo abrio na Scena
A' perfeição de Andromacha, e de Phedra,
Mas de Alexandre, e de Jocasta os rasgos
Presagiavão á Galia o Genio raro,
Que breve a havia honrar c'os grandes quadros
De Iphygenia, Britanico, Athalia,
Apuro de Poeticos lavores!
Viva imaginação em teu Poema
Resplandece, e fulgura! Amor te empresta
As melindrosas côres, com que pintas
D'Eucharis mui formosa, e muito amavel
Graças singelas, e o sorrir, que encanta!
Os Quadros da proficua Natureza
Ao vivo nos descreves; e do Averno
Dás novo horror ao Quadro pavoroso!
Defeitos, quem não tem? Porque os corrijas
Porque a facilidade, e o gosto acquiras,
Folhêa noite, e dia os aureos Versos
De Bocage, e Garção, Pais da harmonia,
Do divino Camões, e de Filinto,
Que todo o Luso engenho transcendêrão.
Dá sem receio á luz o teu Poema,
Hão de louvar-te os bons, os máos que importa?

A PESCA.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

Do Caramujo expõe-se o sitio ameno;
E como delle gosão pelo Estio
Innocentes, maritimos prazeres
Diversas personagens d'outras terras.
No designio Belmiro entra da pesca
C'os illustres visinhos, que consentem,
E do divertimento não desmentem

Dos Ceos tu desce, ó Musa, e tuas graças
Em minh'alma derrama, tu m'inspira
Calliope Celeste, novo Canto:
Não para celebrar o iroso Marte,
Não campos tinctos de sanguineos rios,
Não d'Achilles a cólera diuturna,
Ou d'Eneas as tristes aventuras;
A destruição, que fes tornar em cinzas
A campos reduzir Troia famosa:

Mas da pesca innocente os jogos ledos,
E o varão immortal, que ousou primeiro
Em desusada, e jámais vista barca
De invadir, e arrostar sem medo, ou susto
Do Padre Tejo a túmida corrente.
Tu, que aos antigos Vates já outr'ora
Na Cythara da Mantua, e Salamina
Teus dons divinos sábia repartindo,
Inspiraste do Lacio, e Grecia a gloria,
Cantar fazendo nos Mavorcios Campos
Do Soldado o valor, do Chefe o triunfo:
Do antigo, e velho Rio para as margens
Te chamo, margens do aprasivel Tejo;
Em meu peito da luz divina tua
Sentir me faze o fogo, que possues,
Para que dignamente a vez primeira,
Tu me sejas propicia, que te invoco.
E tu caro Belmiro, alfim da minha
Gratidão tal penhor sincero acolhe,
Já que a meu estro rude vigor déste
Para em Verso cantar eternos Seres.
Não acharás vestigio de interesse,
Ou de falsa amisade lisongeira,
Mascarado em meus Versos com o véo negro
Da impostura encoberto; a vil mentira,
A sordida mentira, negra, e feia
Em nobre coração jámais s'encontra;
Ella abaixo o homem põe das mesmas feras,
Que na Lybia esturrada s'apascentão:
Mas somente a verdade pura, e simples,
A quem sagrado escudo sempre ampara.
Verás até que ponto Amor me obriga
Dos licitos prazeres, que são justos,

A collocar nas aras da Memoria
O nome esclarecido teu, teu Nome,
Em quanto humanos neste mundo existião,
Já que assim venturoso alegre vives
Da virtude trilhando os sãos caminhos.
  Mas agora, que os dias agradaveis
Passão, em que de chammas abrazado
Parece queimar Phebo a terra toda,
A' sombra estás da faia velha umbrosa,
Que alto rochedo annoso, e escarpado,
Que ao Téjo com respeito o collo inclina,
Nas faldas suas nutre, e apascenta;
Tu que a teus pés as ondas quebrar salsas
Vês de mil personagens rodeado;
Desta vida os trabalhos esquecidos
Por hum pouco depõe, já teu sentido
A' Lyra minha presta alegremente.
  Do nosso antigo Téjo, ha na aurea margem,
Hum lugar mui ameno, delicioso,
Caramujo de seculos remotos
Pelos seus habitantes nomeado:
Dous altos montes sobem a seus lados,
Que parecem tocar do Ceo as nuvens.
Hum agradavel prado mui risonho,
Onde assiste a formosa Primavera,
Torna seu local bello, e aprazivel,
Onde em morada vive sempiterna.
De mimosos tapetes pelos campos,
Vestidos de verdura eterna, e fresca
A Rainha gentil bella passêa,
Croada de grinaldas mui diversas
Seus amenos jardins visita Flora
Das flores, que a cultura a ella devem,

As que são mais mimosas, e fragantes,
Que assim nossos sentidos lisonjeão,
Que embalsamando o ar estão contínuo,
Vai copia innumeravel recolhendo:
De boninas milhões sob os seus passos;
Humildes as cabeças prostrão tenras,
Vôa ligeiro a lado seu o esposo,
Sobre as flores soprando com doçura,
Que com risonho gesto se adereção,
Qual hé sobresaltada a dama honesta
Se he repentinamente d'alguem vista
Para inda com mais graça a namorarem.
Tal he o encantador, o delicado
Paço das Estações, onde se alverga
A risonha Princeza magestosa,
Dôce para as Deidades, para os homens,
Que o dos mais poderosos Reis excede.
No tempo, em que visita a flava Ceres
Este bello magnifico theatro,
Em que Natura sábia, bemfazeja
Dos homens mitigar s' apraz trabalhos,
Quando no carro seu vôa subido
Porque tirando vão quatro das Virgens
A's festas Eleusinas dedicadas,
Huma fouce na mão por sceptro empunha,
E sem receio algum, sem temor corre
Os campos abrazados por Apollo,
Que de hum a outro lado ella atravessa.
Sua cabeça tem de espigas louras
Cingida: os peitos seus de leite cheios.
Desta sorte Alma Ceres s' apresenta
Os homens á cultura convidando.
Neste tempo se vê já o menino

C'os laços entretido os passarinhos,
Que na fonte beber vem, apanhando.
Outro as gaiólas já de cannas forma,
Onde guardando os vai mui cuidadoso,
Que á linda pastorinha logo offrece,
Que no alvo seio mette diligente
Ella entre mil transportes d'alegria:
Do Campo vai voando á humilde choça.
O robusto Mancebo alli s'encontra
As maduras espigas já ceifando:
D'outra parte a donzella linda, e moça,
Que he formosa sim, mas negligente
Para se ataviar como as da Villa,
Vem com os feixes ás costas carregada,
Fructo de seus trabalhos, e fadigas.
Alem s'observa hum velho recostado
Debaixo de frondosa sombra, e fresca
D'hum antigo Carvalho corcomido,
Cuja cortiça rota prest'asilo,
Em que esperto Lagarto a morte evita.
Corre alli o cristal limpido, e manso,
Que entre pedras da viva rocha brota,
E a longa campina vai banhando:
A elle os males seus o velho conta:
Quaes desastres soffreo na vida sua,
Quaes são os males, que hoje seu destino
Apoquentado fazem tão mesquinho.
Suspira pelos dias de Mancebo;
Os costumes presentes tambem chora.
Acolá se divisão nos rebanhos
Lanigeros os brincos mais galantes;
Dos cordeirinhos os ligeiros saltos,
Dos campos venturosos moradores.

Deste cume o Pastor simplice vemos,
Os amores da Lyra ao som cantando,
Agrestes cantilenas lastimosas
Sobrc a cruel belleza da Pastora,
Que seus dias emfim acabar deixa,
E da consternação morrer nos braços.
Das lindas Camponezas as choreas
Acolá empregadas se divisão
Todas em suas lidas, o ar enchendo
D'alegres cantos, mas simplices todas:
Já de longe correndo o jornaleiro
Munido d'armas fortes vem campestres,
Nas quaes a confiança deposita
Do casal seu manter, da sua vida:
E do prado no meio clara fonte,
D'antiga, mas soberba arquitectura
S'eleva, por onde entre canaes cento
A lympha pura corre conduzida,
Que de monstros maritimos por largas
Bocas sobre hum marmoreo tanque desce,
De dourados peixinhos exquisitos,
Que a vista nos encantão, coalhado.
Em bella symetria estão plantadas
Frondosa a Faia, o bem copado Chopo,
O funebre Cypreste, o largo Ulmeiro;
Alli d'ambos os sexos a Palmeira
Para reproduzir-se não falesce.
De verde escuro buxo altas latadas,
E de murta o jardim em roda cercão,
Asilo deleitoso, onde avesinhas
Em engraçada multidão s'occultão,
Que encantadores, e celestes choros
Formão em desregrada melodia,

Fazendo que o visinho monte falle,
E seus cantos repita muitas vezes:
Todas exceder querem seu gorgeo;
Nenhuma ser no campo quer vencida,
Cada vez a cantiga mais se dobra
Até que já em fim cançada cede.
Dest'arte a pequenina ave innocente
Com simplices, harmonicas cantigas,
Toda na expressão terna s'empregava
De louvor á Suprema, á Omnipotente
Mão, que formou os Ceos, Terra, e Abysmo,
E reduzir podéra ao cáhos primo
A grande, e forte máchina do Mundo.
  Hera nestes lugares bellos, hera
Que novo Paraizo debuxado
Ao vivo se descobre em toda a parte.
  He em fim nesta grata estação leda,
Que deixando os trabalhos, e os confusos
Tumultos da Cidade, que a alma opprimem.
Já da Côrte as familias se juntavão,
As mais nobres, illustres, e distinctas,
Mais vistosos fazendo estes lugares,
Para gosar do Campo estes magnificos
Tão excellentes dons, bem merecidos,
Que assim prodigalisa a Natureza,
De maravilhas sempre Mãi fecunda,
Entregando-se a mil divertimentos
Tão proprios seus, honestos, e jucundos,
A toda a sorte probos, e innocentes;
Musica sonorosa, caça, e pesca.
N'huma das ledas, bellas, e serenas
Tardes deste mimoso tempo d'ouro,
Quando o carro já Phebo radiante,

As diamantinas redeas alargando
Aos cançados Ethontes, á cerulea
Habitação de Thetis lá dirige:
Entre seus niveos braços apertado,
O descanço das asperas fadigas
Gosa da leve, e rápida carreira,
E fechando-lhe a porta o Deos Nocturno,
Espera as matutinas horas venhão,
Que os fogosos Cavallos aparelhem,
Para seguir de novo o antigo curso.
Eolo nas reconcavas montanhas
A sahida fechava aos tempestuosos,
Fortes, horridos ventos, que bramindo
Lá na caverna estão medonha atados,
Em quanto ao Nume apraz Omnipotente:
E Zephyro somente nesta tarde
Socegado brincava nos sombrios,
Frondosòs, e copados arvoredos,
O mar encapellando brandamente,
Cujas ondas ao longo parecião
A' nossa vista lucidos diamantes,
Mudando assim as nitidas estrellas
Dobrando Téjo para a superficie.
Os regatos ao longe figuravão
Argentinas serpentes, que s'occultão,
Já entre os altos montes, já na vasta,
E risonha campina mui velozes,
Sua carreira seguem impetuosa;
Outras vezes alfim lá do escarpado,
Medonho, alto rochedo como loucas
Se precipitão com grande ruido,
Com que o valle estremece amedrentado.
Assim tudo prazer aqui respira:

Da suave alegria esta he a morada,
Onde as almas sensiveis vivem sempre.
  Mas huma destas tão vistosas tardes
Docemente Belmiro alegre goza.
Com a familia sua vai ao campo;
Seguem-no com seus Pais nobres donzellas,
A quem dá mais realce a formosura.
Oh! Que quadro tão bello, e magestoso,
Qual nunca o Mundo víra, alli se mostra!
Morrem d' invéja as Graças suspirando;
Confusas com as mãos o rosto cobrem,
E por entre as florestas vergonhosas,
Chorando, por não ser vistas, se escondem.
  No ar os doces Zephyros já brincão,
Qu' as tecidas grinaldas cahir deixão
De flores as mais lindas, exquisitas.
  Hymnos as Musas divinaes entoão,
De Belmiro em louvor, d'Eucharis bella,
Cara progenie sua virtuosa,
A quem mais do que a propria vida estima.
Diante Bacho vai saltando alegre
Mais que nunca hoje; a fronte de parreiras
Verdes croada tem, e grande taça
Propinando do Nectar saboroso,
Que recolhido foi no altivo Douro.
  Mas já do campo ameno elles voltavão;
Todos do velho Téjo pela margem
Aqui, alli, s' alongão mui contentes,
Os prazeres gosando deliciosos,
Com que a formosa tarde assim compunha
Seus tão ardentes, fervidos desejos:
Quando fragil batel de longe n'agua
Boiar divisão, onde pescadores

Pobres as redes lanção vagarosos,
E c'a grita as recolhem costumada
Do fundo alveo do rio a força aladas:
A borda n'agua mette o batel fraco,
Que da rede succumbe ao grande pezo,
Que carregada vem d'immenso peixe.
Para que he isto? Incertos perguntavão
Todos d'admiração, d'espanto cheios!
A que fim estes homens suas redes
Lá do centro do mar vem recolhendo
E a esta secca praia assim puxando?
Direi, se permittís licença vossa,
Cortezmente hum mancebo alli responde,
« Deitar irão sem dúvida algum lanço,
« Que as redes para isso estão dispostas.
  Então o Pai sisudo, e engraçado
Velho, os olhos volvendo á cara prole,
« Esses homens, que vêdes vão hum lanço
« Deitar no mar, de os vêr vontade tendes?
« Muito, Pai adorado, o desejamos,
« Que a scena divertida nos parece,
« Pois estranha até agora nos tem sido,
« E gosaremos della, se consentes.
Com os olhos acenando já concorda
Nisto o bom, terno Pai, por comprazer-lhe.
Não he tão prompto, e rapido o effeito
Da explosão sulphurica, medonha,
Quando do canhão sahe arrebentando,
E os ares com ruido atrôa ao longe;
Ou da mina o horrífico estampido,
Quando na funda rocha occulta estoura;
Ou o azul relampago fulgente
Do raio precursor veloz, ligeiro;

Quanto das bellas Nymphas pela arêa
A corrida apressada he repentina.
Bem como de pombinhas bandô incauto,
Quando do caçador sagaz escutão
O tiro matador no alto monte;
O antigo ninho seu deixando, os ares
Liquidos cortão, puros, e serenos.
De longe a lentos passos os Pais marchão,
E, nellas tendo os olhos sempre fitos,
Com cuidado por toda a parte as seguem.
Já então os mancebos, que de longe
Este quadro por muito tempo observão,
Sobre as praias descendo juntos, dizem:
«Que tambem ajudar a pesca intentão.
Aquelles que fugião ao farpado
Anzol, já descuidados cahir nelle
Em carreira precípite s' observão.
Os olhos inquietos já não sabem
Onde volver se possão, tão sómente
Ternos se voltão ao amado objecto.
Cada hum olhar he huma aguda seta,
Que s'encrava nos dous sensiveis n'alma,
E para sempre amantes, e captivos.
Importa que silencio guardem ambos,
E que suffoquem do animo no fundo,
A paixão devorante, que os abraza.
Oh! cégo amor, maldito, a que tormentos
Os corações humanos não conduzes!
Deste modo ao lugar todos caminhão
Aonde as redes velhas, pobres, raras,
Do batel dentro estavão recolhidas.
O Pescador humilde, alli deitado
Quedo aguardando está, que a maré venha,
Para seguir de novo o seu trabalho.

Alli nas brancas praias alagados
Das ondas do mar frias, com socego
Vão os peixes em cestos escolhendo,
Que já no velho, e pequenino barco
As do salgado mar primicias lanção.
Toda a Sociedade illustre e nobre,
Da pescaria fica embellesada,
A qual desconhecida nestes sitios,
Inda até áquella hora lhes estava;
E já do Genitor seu carinhoso
Vai pelo hombro o braço da mimosa
Eucharis linda, e bella Filha sua:
Com brandura supplíca, roga, e insta,
Seu desejo pedindo-lhe que haja
Nisto satisfazer, que só consiste,
« Em que daquelle barco os Pescadores
« Novo lanço no largo mar deitassem.
Com graça já surrindo está Belmiro,
E na face beijando-a com ternura;
« Eucharis, lhe responde, em breve tempo
« Verás, o que desejas, ser cumprido,
« Eu a quanto me pedes annuindo,
« Plena satisfação dando ao Paterno
« Amor a ti sómente consagrado.
« E pois que pedirás, que eu te denegue
« Filha do coração meu, tão querida!?
« Unica de meus dias esperança!
« Ah! Quem sempre comtigo só vivêra!
« Mas inda que nos prive a feliz sorte
« Do teu consorcio, desatará nunca
« O laço Paternal, com que Natura
« Determina que Filha sejas minha?
Logo as redes lançar sem mais demora,
Manda no salso Campo Neptunino.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

No mar se lança hum pequenino bote,
Que quantidade grande traz de peixe,
Descrevem-se os amantes convidados.
Sobrevem horrorosa tempestade,
Que a todos faz tomar da casa o rumo,
Onde hum lauto banquete se prepára.
Depois do qual, na Lyra d'ouro canta
Eucharis, que formosa a tudo encanta.

Mas em quanto no mar as redes colhem
De peixe multidão grande, e assombrosa;
Sobre as margens Amor tambem apanha
Em crueis laços as incautas almas
Isentas deste trama, delle livres;
Nos ternos peitos as agudas setas,
Encrava sem cessar, ás setas duras,
Com que traspassa os corações d'amantes,
Que espalhados se vêm por toda a parte,
O devorante fogo já mostrando,
Em que com signaes ternos s'abrasavão.

Dentre as Nymfas tão bellas, que a jucunda
Assembléa adornavão primorosa,
Qual o jasmim, que surge entre as rozeiras,
Eucharis mais formosa do que todas,
E das Naiades mesmas namorada,
S'eleva, e brilhar deixa os raros dotes,
De que he pela Natura enriquecida.
Hum vestido azul, rico, mas singélo,
D'infindas flores d'ouro em symetria
Por exquisita fórma semeado
A Deosa por formosa, e bella traja.
Do collo lhe cahia, e de alvos hombros
Mantilha côr celeste, de fino ouro
Enriquecida toda, e dos mais vivos
Como raros matizes lá da China,
Com raridade, com primor tecida,
Por hum collar dos mais finos brilhantes
A garganta de neve he adornada;
D'amor duras prisões, as louras tranças
Presas detem com rica fita d'ouro,
Hum rico pente de valor subido,
D'ouro fino, e precioso, de luzentes
Brilhantes, e saphyras, e outras pedras,
Com arte a aurea trança tem sustida,
Hum broxe adamantino na cintura
Delicada, ainda a faz mais delicada,
De carmezim veludo rica facha,
Os pomos d'alva neve, onde s'occulta
O veneno cruel, que docemente
Desejando-se, mata com brandura,
Aperta sobre o peito em que se encrusa:
Hum véo de fina seda azul celeste
Por seu rosto divino cahe honesto,

Tal era a peregrina formosura
D' Eucharis mais que o Sol clara, e mais bella,
Desta arte pelas margens passeava.
O rosto divinal, a quem invéja,
Por mais formoso ser, formoso o dia,
Engraçada voltando honestamente
Com sisudeza grande a toda a parte,
Fere com os vivos raios, que eclipsavão
D' Apollo fulvo o facho rutilante,
Os peitos que já são por tal ventura
Felizes, e ditosos contemplados.
Ah! e quando mostrava, entre os tão vivos
Rubins, de perlas fios tão mimosos,
Que o fechado botão cercão da roza,
Que a bôca sua placida formava,
Que toda se em doçura convertia,
Nos Pescadores pobres, e grosseiros,
Ou no seu caro Pai, fixando os olhos
Ternos, e brandos, de alegria cheios!
Mas já prenhes d'immenso peixe voltão
Por longos cabos as aladas redes;
A's praias vem correndo huns Pescadores;
De outros té á cintura as ondas sobem,
Que enterrados no salso mar parecem
Ao peixe as redes fechão fugitivo:
Cordas outros off'recem aos mancebos
Illustres, que ao trabalho alli se ajuntão,
Que de penoso, torna-se em suave,
Só porque a bella Nympha vêr consigão.
Tão deleitavel he sua presença!
A pescaria emfim á praia chega,
Que assaz consideravel he de peixe:
Todos áquelle sitio em chusma correm;

Com gritos d'alegria os ares coalhão.
Daqui já hum peixinho o terno amante
Apanha diligente, e prompto offrece
A' singular belleza, a quem adora:
Ella susto fingindo, e dando mostras
De brando riso, mas não longe, foge,
Pois d'amor n'alma as setas tem cravadas.
Brincando acolá vai tenro menino
Na delicada mão hum caranguejo
Já alegre, e contente conduzindo.
Lá ao longe nadar Belmiro alegre
Se vê com assombrosa, afadigada,
E nunca jámais vista diligencia,
Os peixes em canastras recolhendo
Vivos, e que escapar querem das redes,
Assaz gratas maritimas offertas
Das humidas moradas de Neptuno.
  Assim a tarde passão divertidos,
Esquecendo-se alfim inteiramente
Dos cuidados domesticos, que affligem;
Huns peixes colhem, almas prendem outros.
Quando Juno cruel embravecida
Do antigo seu rancor, que não esquece,
Quando a Deidade sua no Monte Ida
Fôra em alto conselho rejeitada;
E que Venus s'esmera agora toda
Suas graças, seus dons, e seus amores
Repartir com a illustre Sociedade;
E de prazer instantes, e doçura
Nestes amenos dias divertidos,
Que a Cupido concede amplos poderes
Para oppugnar, vencer corações ternos;
Então no carro monta dos vistosos

Pavões tirado seus, que levantando
Seu altaneiro vôo sobre as nuvens,
Já de Eolo á caverna prodigiosa,
Mais que a ligeira seta promptos, chegão.
Então lá descançando o Deos repousa
Do governo, e do ásporo trabalho,
Que Jove Omnipotente delle tinha
Desde seculos longos confiado,
Para os ventos reger insanos, bravos.
Disto o poder de Rei, e primasia
Lhe confere, e tambem authoridade
De os soltar, e conter por certo pacto,
Do alto Olympo conforme o alto designio.
E porque elles d'alli fugir não possão,
E tudo quanto existe sobre a terra,
Ou no irado mar com furia insana,
Pelo ar não levem com estrago horrivel,
De portas em lugar dous altos montes
Mandado alli oppôr tinha a sahida.
D'ira abrazada Juno alli se chega
Com seus cabellos soltos, olhos baixos,
Nas fauces a voz tremula se pega;
Mui triste a côr do gesto traz mudada;
Pallida, quasi já de força exhausta,
E ao proceloso Rei, que os Ventos rege,
Com furibunda voz dest'arte falla,
"Como possivel he, filho de Jove,
"Que de Juno a Suprema Divindade
"Fique sempre esquecida, e desprezada?
"Do Téjo não vês como nas ribeiras,
"Do Caramujo nos amenos sitios,
"De prazer, e de jubilo luzida
"Jaz de mortaes brilhante companhia

« Gozando das venturas, das delicias
« Só aos eternos Numes pertencentes?
« Ignoras que Dione, rival minha,
« Para mais offuscar meus dons divinos,
« A Eucharis outorga o mago cinto,
« Para das ternas victimas rendidas
« Nas almas atear de amor o facho,
« Essas graças roubando-me, esses dotes,
« Que vacillar fizerão no Ida umbroso
« Dos Deoses o Conselho alto, superno?
« Ah! soffrerás que Juno por vrntura
« Assim tratada seja.. a tua Juno...»
Altos suspiros cortão-lhe as palavras:
De lagrimas em rios copiosos
O frio rosto já pallido, e triste
De suores mortaes accommettido,
Entre mil afflicções em choro banha.
A Deosa ternamente entre seus braços
Eolo pela mão fria tomando,
Com voz branda lhe diz, e mui suave:
« Oh! Deosa, postoque a immortalidade,
« De que me vês por Jove revestido,
« Eu para sempre de perder houvesse,
« Ou o Sceptro depor, que os ventos rege;
« Nos carceres escuros tenebrosos
« Do Reino de Plutão eternamente
« Ser lançado sem fama, nem memoria,
« Tudo prompto fizera com vontade,
« Somente porque désse a teus mandados
« Satisfação exacta, e rigorosa;
« Que podes ordenar, que te não cumpra,
« Sem minima demora quem te preza?
« Manda-me, obedecer a mim só cabe.»

Tão vivas expressões consoladoras
Ouvindo Juno, hum pouco os olhos ergue,
Que lhe lavão de pranto ambas as faces,
E alento recobrando assim prosegue,
De seu peito arrancando ais mui profundos
«Os ventos solta horrificos, que existem;
«Negra, cruel borrasca furibunda
«Excita; e já que ser no mar extinctos
«Não podem, pois que a praia occupão lisa,
«Ao menos separar faze esta gente:
«Essa pesca maldita acabar podes
«Daquella multidão c'o exicio inteiro,
«Quando o tempo chegar, que sem recurso
«Submergidas no mar sejão profundo
«Do Téjo o salso humor bebendo; ou tristes
«Para sempre apartados dos objectos
«Ternos, que de Cupido são feridos,
«Desse rapaz infame, de Cupido,
«Que com as ardentes setas os traspassa.
«He fera mui cruel, sem piedade
«Todos devora, fere, rende, mata;
«Infame prole, em tudo imiga, infame,
«A mim terrivel, aos mortaes terrivel.
«Eolo, poderoso, grande Eolo,
«A mais bella das Nymphas, que vês minhas,
«Por nome Deiopeia, tua esposa
«Em consorcio feliz será eterno.
«Eis a mais rica offerta, e preciosa,
«Que a teus favores sempre agradecida
«Pode por tal serviço outhorgar Juno.
Apenas estas cousas tinha dito,
Quando já no cavado monte a espada
Com impulso elle embebe, e com arrojo

Os dous montes grandissimos desvia,
E já Aquilo, e Boreas, Austro, Noto,
Desenfreados á porfia sahem,
E por terra lançar parece querem
A máchina do Mundo portentosa.
Bravas ondas no mar em breve tempo
Pouco a pouco, espumando, se levantão,
Enchendo a praia com horrendos gritos,
Onde todas bramindo se desfazem:
Outras ao longe lá s'empolão altas
Como negras montanhas, e medonhas:
De feia, e çuja espuma se vê o cume,
Onde monstros horrendos só habitão;
Os concavos rochedos assultados
Nas medonhas cavernas são das vagas,
Que sussurrando horrivelmente explorão.
Dos horisontes já subia a noite,
Com o negro manto o Mundo vem cobrindo,
Que hoje mais cedo lança, que costuma,
Quando subitamente grossas, densas,
Negras, e feias nuvens se glomerão,
Que de raios immensos vem pejadas.
Nega seu resplandor o Astro argentino,
Que brilhante trazia, para á noite
De curiosa pesca a sociedade
Mais dilatado ter divertimento:
Os Polos tremem com medonho estrondo
Do trovão espantoso, horrivel, forte,
A que electrica luz assustadora
Do relampago vivo antecedia:
D'horror tal desconcerto repetindo,
O echo em proximos bosques, susto ingente
N'aquellas almas timidas derrama.

As arvores frondosas, como leves
Pennas, pela raiz são arrancadas,
E até onde vistas mais não forão,
Os ventos indignados as transportão:
Os valles desamparão brutas feras;
Nem a herva nos altos montes pasce
Com socego o rebanho espavorido,
Que os currnes só procura, só as grutas;
Triste canto as nocturnas aves calão.
  Mesmo no mar profundo os Delfins leves
Escondrijos antigos desamparão,
Milhares de Baixeis desapparecem
Sem que jámais gemidos, choro, gritos
Dos tristes nautas escutados fossem.
Da mui grossa saraiva em fim as nuvens
Desatão-se em torrentes abundantes.
  Possuido então Belmiro d'amargura
O lar antigo obter já não podendo,
Estas palavras á querida esposa,
E a Eucharis formosa assim dirige:
«Como possivel he que, estando a tarde
«Linda, e serena, assim se levantasse
«Tempestade tão negra, tão horrivel,
«Sem que contra nós sejão conspirados
«Os Deoses do alto Olympo luminoso?
«Excelso Jove, cuja dextra armada
«Do raio fulminante o Ceo, a Terra,
«O largo mar irado, o mesmo inferno
«Com sabias leis, inviolaveis reges:
«Tu que da humana sorte a teu contento,
«Como melhor te apraz, dipões no Mundo,
« E no mais pleno goso nas Ethereas
«Moradas c'os Celestes Numes reinas,

« Em que offendêrão tua Divindade
« Estes nobres Mancebos, e Donzellas?
« Antes sobre o malvado descarrega
« Teus justos golpes, ja que o Ceo piedoso
« Insulta com seus crimes, a ti insulta;
« E se algum Ser Divino a nós contrario,
« Isto com tal fereza nos guardava,
« Com rigor desse braço portentoso,
« A força desde já sentir conheça,
« E não seja a virtude assim tratada.
Desta sorte Belmiro exclama afflicto,
Os passos dirigindo ao lar antigo,
Onde de todos chega acompanhado.
Logo entrando os vestidos alli mudão,
Que de enxutos hum fio só não tinhão:
De cedro huma fogueira alta s' eleva,
Da qual em roda todos se sentavão.
Huns aos outros se olhavão com tristeza,
Da ira do Ceo as causas ignorando
Inaudita, cruel, atroz, ferina.
Esta de susto pallido o semblante,
E como a morte frios em seus membros,
Com o medo o sangue gela-se nas vêas.
Tremulos, semi-mortos se vêm todos,
Do horrivel trovão pelo estampido;
E porque os olhos mestos lhe não fira
O sulphureo fulgor, que não descança,
Fechados tem, tapados os ouvidos
Aos horrendos bramidos do mar fortes.
Tal he o estado triste, e lamentavel,
Em que se vê aquella gente illustre.
Novas forças Belmiro em fim recobra
E com alegre riso em ledo rosto

Divertimento novo procurava.
« Agora, (diz gracioso) agora he tempo
« De dar rédeas ao júbilo, e contento,
« E não d'entristecer; a tempestade
« De nós já tem passado, o Ceo sereno
« Está; alli as estrellas já reluzem:
« O sussurro medonho, que escutamos,
« He das ondas, que vão, embravecidas,
« Bramindo por tragar-nos não poderem,
« Essas loucas gritar em fim deixemos.
« Aqui temos de Bacho o licôr puro
« No tonel desde lustros encerrado;
« Excellentes viandas, delicadas
« Aves, maduras fructas, que á saude
« Nossa debilitada alentos prestão.
« Eucharis vá depois tocar na Lyra
« Dignos louvores ao Supremo Jove,
« Que do grande perigo nos livrára.
« Vós illustres Varões bem merecidos,
« Da nossa idade raros exemplares
« De sapiencia, de virtude; vinde,
« Vereis minha cabana velha, e tosca:
« A frugal refeição de boamente
« Entre nós receber nenhum recuse.
Estas cousas dizendo, á sua meza
Mandava que por ordem se sentassem,
De ricos lustres he alumiado
O soberbo salão para o convite,
Do dia a mesma luz clara imitando.
Ricamente vestidos os criados
Os manjares selectos, saborosos
Já sobre as ricas mezas ministravão;
Finos licôres, vinhos generosos

Em cristallinos vazos, as serventes
Apresentão, bordados com primores.
Todos assim alegres se refazem,
As comidas nas mezas ricas, lautas
Excellentes gostando; o nectar bebem
Do Alto Douro, que os Deoses não provárão;
E as almas em suaves laços presas,
Só são no objecto amado saciadas;
Os olhos dando estão signaes não dubios
Do que se passa occulto dentro dellas.
Mas já nesta hora Diana a argentina,
Veloz carreira rapida cortada
Traz pelo meio, quando já o banquete
Alegre, e festejado ao seu fim chega.
Belmiro á bella Eucharis ordena,
Que a Lyra sua affine, e com suave
Acento deixe ouvir nas aureas cordas
Com harmonia a sua voz divina.
Então Lyra riquissima ella toma
D'ouro, e de finas pedras marchetada,
E de branco marfim mui preciosa:
E com gesto sereno, que podéra
Amansar a mais horrida procella,
As Cantigas começa harmoniosas.
Os pastorís amores canta simples,
Dos mesmos Deoses, que esta paixão fere,
Canta aquellas historias infelizes:
Canta como a querida Cinthia bella,
A mesma patria sua abandonára
Pelos amores do gentil Latino
Gozar, por quem ardêra, e suspirára:
Tambem da Pesca aquella tarde canta
Para todos tão triste, tão funesta;

Outras muitas tambem canta agradaveis
Que todos com transporte escutão, louvão.
Eis os olhos em lagrimas banhados
Volta a Phylinto, e diz: « Infeliz Ente (*)
« Que parte alguma tens no falso crime
« Injusto, abominavel, tão perverso
« De que só homens perfidos te accusão,
« Vive impune o culpado, mas tu vives
« Sem culpa com castigo; mas o nobre
« Peito tão generoso, onde reside
« Teu coração mais forte, mais constante
« A todo o mal superior, que t' imputão,
« Despreza com valor aleivosias,
« Que a teus olhos nadas, são chymeras;
« Esta dos homens probos merecida
« He de estupidos vís sabida paga:
« Se em carroagens ricas tu rolasses
« De escolhidos frisões sempre tirado
« Homens de bem com lama salpicando
« Mais que hum Cicero, mais do q̃ hum Demosthenes
« Sabio serias; mais que hum Alexandre,
« Ou Cezar respeitado tu vivêras.
« Mas que descubro em ti?... só livros queres?...
« Hes infeliz, tal vida nada serve....
« Não vês Camões, não vês a Belisario,
« Ambos da sorte infausta perseguidos?
O Canto suspendendo, a Lyra deixa;
A Belmiro do Canto fatigada
A Nympha encantadora já pedia,
Que pois que a noite já a ultima parte

(*) Queixas da amante ciosa contra o rival do seu amado.

Tinha tocado da carreira sua,
Brando allivio no somno aos membros lassos
Procurar permittisse com doçura.
Consente nisto o Pai, todos consentem
Da illustre companhia de bom grado,
E com grande ternura o alvergue antigo
Com lentos passos buscão despedidos;
E ao som d'harmoniosos instrumentos
Vão alegres cantigas entoando.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

Clara manhã de Estio se descreve,
E as variadas lidas campesinas:
Em sonhos Venus desce de Belmiro
Ao alvergue, e lhe mostra quanto Juno
Para da pesca o desviar tem feito;
Elle sahe co' a gamella, apprompta as redes;
Que a maré encha esperão desejada,
Para que ao largo mar seja lançada.

Mas em quanto Morpheo prendia doce,
E com socego placido ligava,
Dos membros fatigados apossando-se,
Os que dormindo estão em ricos leitos
O somno imagem viva da atra morte;
Já sollicita o manto levantava,
Com que ecclipsado tinha a noite triste
Aos humanos a estrada luminosa,
A roxa, e linda Aurora; e com a dextra
Sacudindo as espessas, grossas nuvens,

Na mão trazendo, ao Mundo já mostrava
Essa alampada tão maravilhosa,
Que cada dia do Oceano surge,
Quando os carinhos Titan amorosos
De receber nos braços vem de Thetis,
No radiante carro já montando:
A' vista do Astro lucido fugindo
Vão as estrellas como envergonhadas;
Aniquillão-se os humidos vapores,
Quando as portas do claro Oriente sahe.
Com simples, dôce, mas desconcertada
Harmonia seu côro as lindas aves
Começão a formar, que ao longe o echo
Vai nos montes visinhos repetindo.
Já ao longe correr precipitados,
Antros tristes, escuros procurando,
Se vem brutos indomitos, vorazes,
Aborrecidos, timidos, nojentos.
Lá vem do verde cume do alto outeiro,
Hum rebanho descendo de cabrinhas
Saltadoras, tão gordas, a quem guarda
Engraçada Pastora, gentil, bella.
Era de huma mantilha a camponeza
Coberta de lã grossa até aos hombros;
Veste huma saia parda, que fiára
Da estopa do linho, que vendêra;
Os pés descalços traz, todos gretados,
Mas lindo o gesto tem, de que se preza.
Ao som da frauta rustica entoava
Os louvores de Pan, sua ternura
Correspondida sempre mal; ao gado
Perolas destillando, os bellos olhos
Volve, e c'o a mão affaga hum cordeirinho.

O amante pastor tambem responde
Com igual cortezia, promettendo,
Que ha de vir a ser breve seu marido,
Quando suas fazendas lhe entregarem,
Que seus Pais por direito ainda possuem.
«Demais, diz, aprender intento a Arte
«Veterinaria c'o esses sabios Mestres,
«Que outros presão, nós loucos desprezamos,
«Aos nossos campos util, necessaria
«Para a conservação das nossas rezes.
«Prosperar verás mesmo nest'Aldêa
«Estes grandes estudos proveitosos;
«Isto nos outros Reinos se cultiva,
«E vai nascer aqui qual cousa nova.
Taes promessas as lagrimas enxugão
D'Amarillis, Pastora linda, e bella,
Que o branco leite já vai deprimindo
Das têtas d'escolhida, e gorda ovelha,
Que risonha ao Pastór offrece grata,
Sua esperança unica, e delicia.
Ao Astro Creador, de quem depende
A vida vegetal, voltão-se as flores.
As aguas puras, brandas, cristallinas
Nas lizas praias lentas s'esperguição,
As do Téjo lambendo alvas arêas.
De longe, lá do alto mar cançado
O Pescador se vê trazer ás costas
Suas molhadas redes encolhidas,
Que sobre a praia estende, e já concerta
Dos damnos no trabalho recebidos.
A natureza assim toda disposta,
Hum aprazivel dia bem promette,
Que esta manhã risonha offerecia:

Quando do somno mais profundo gosa,
Com profundo socego inda Belmiro;
Eis que Venus a amada Paphos deixa,
Encantadora Deosa dos amores;
A seu peito o menino se recosta,
Causa fatal de tão crueis ruinas.
De Belmiro o riquissimo aposento
De resplandores mil se vê cercado
Que do preclaro rosto exála a Deosa,
Que alli com elle praticar viera,
E taes cousas em sonhos lhe declara.
« Belmiro, qu'innocente mortal vives
« Daquillo, que os destinos te preparão;
« Eu sou a causa, por que a vida tua,
« Que todos tanto estimão, todos prezão,
« Salvaste (minhas vozes acredita)
« Naquella tempestade ha poucas horas
« Contra ti agitada com tal furia:
« Então de Paphos o soberbo Templo,
« De Cithera, de Gnido, e outros Altares,
« Onde recebo dos mortães incensos,
« Deixei; subo ao meu carro destes Cisnes
« Côr de nevè puxado, ao alto Olympo
« Do Pai dos Deoses inclita morada
« Cheguei. Alli se via a irosa Juno
« Naquelle furor mesmo, naquella ira
« Abrazada, com que á Troiana frota
« A borrasca movêra tão damnosa.
« Supplicas rogo seu perante Eolo
« Merito poderoso conseguirão,
« Para fazer pedaços Náos soberbas,
« Que Enéas Capitão forte regia,
« Os Penates de Troia transportando:

«Juno, inimiga minha, e dos prazeres,
«Que repartir comtigo sempre quero,
«De novo aquella tempestade excita,
«Que a tão grandes trabalhos te arrojava.
«Já os desejos seus vendo baldados
«Ella a Jupiter pede alto, e potente,
«Que seja tua pesca interrompida
«Por mil vinganças, e por varios modos;
«Pois que de novo o Téjo, está bem certa
«Tua barca sentir ha'de mui breve.
«Dos Lusos a paixão alli recorda,
«Que já sulcárão do Oriente os mares,
«As terras descobrindo onde o Sol nasce;
«Que da mesma progenie tu descendes,
«Mui irada se queixa, mui afflicta.
«Com isto Jove não se determina
«Os diversos conselhos escutando,
«Que os habitantes dão do alto Olympo;
«Que espere (elle lhe diz) tempo opportuno,
«Em que decidir possa a questão grave.
«Eu, vendo isto, do Empyreo luminoso,
«Aqui baixei, deixando o alto assento,
«Pois que sou tua eterna protectora,
«Para te aconselhar n'outras emprezas:
«Não temas; tua pesca defendida
«Sempre por mim será, isto só basta.
«Entra do Téjo pois, caro Belmiro,
«A túmida corrente sem receio;
«Mas d'hum modo, qu'estranho a todos seja.
«N'huma das casas proximas existe
«Hum vaso de madeira, onde s'amassa
«Dos humanos sustento, o flavo trigo:
«Sirva na pesca este galante barco,

« Que de todos será mui applaudido.
« Cruel intriga aqui formará Juno
« Para perder a ti, e os que te sigão.
« Mas que serve isto? A gloria se consegue
« Só em grandes emprezas, e fadigas.
« Livre entrar dentro podes com Phylinto,
« Do perigo a lembrança abandonando. »
Mais a bella Rainha não prosegue
D'Idalia, d'Amathunta, Chypre, Paphos,
E dirigia aos Ceos os lindos olhos,
Lindos, que o divinal rosto adornavão.
Hum rico manto azul celeste erguendo,
Fragante cheiro, e suave s'espalhava
Por toda a casa d'ambrosia, e nectar.
Adornavão-na finas setas d'ouro,
Que as armas são, com que traspassa os peitos,
E inda as almas mais fortes, e insensiveis.
Deste divino adorno precioso,
Qúe seguro desde o alto da cabeça
Aos morbidos descia, e desejados
Formosos pomos, com que o filho brinca,
Depositos, em que o cruel veneno
A longos tragos em dourada taça
Bebem na vida a morte os infelizes,
D'ouro he o fino brocado, que matizão
Mais luzentes qu'estrellas ricas pedras.
Recostado alli ri o Deos menino
Sempre as hervadas setas atirando,
E, sem tiro perder, acerta sempre.
D'huma fina cambraia tem cobertas
As columnas, que são de neve pura,
De desejos bordada mil com arte.
Alto cothurno de mui ricas pedras

Adornado com arte primorosa,
Seus lindos pés calçava delicados.
  Assim Venus d'encantos se mostrava
Toda divinamente rodeada;
Quando Belmiro busca já deperto
Em vão com as mãos atonito abraçá-la,
Porque huma nuvem clara, e refulgente
A Deosa recebêra magestosa,
Que pelo liquido ar se transportava
Ao Templo de Cythera seu antigo.
« Oh! Tu! Exclama, excelsa Divindade!
« Oh! Tu! Que a mim benefica te mostras!
« Oh! Tu! eterna Deosa bemfazeja,
« O claro Olympo que razão te obriga
« Deixares luminoso, aqui baixando,
« Para estes sitios nossos visitares,
« Senão aquella tua alta clemencia,
« Que em teu divino peito está gravada?
  « Ah! Escuta os louvores merecidos,
« Ouve as devidas graças, que pretende
« Meu coração, minh'alma tributar-te;
« Minha alma, e coração, que sempre presos
« Do puro amor existirão nos laços.
« Em quanto ao mar os rios se lançarem;
« Em quanto com luz clara o louro Apollo
« Allumiar os montes elevados;
« Em quanto o Polo apascentar estrellas,
« Em qualquer região, que fôr, ou terra,
« Ainda a mais distante, a mais remota,
« Onde a ventura minha houver chegar-me,
« Ahi sempre teu nome, honra, louvores
« Em perpetua lembrança viver devem.
  Assim estes colloquios agradaveis,

Belmiro com a Deosa s'entretinha,
Quando de Thetis bella o claro amante
Com seu ardor a terra toda abraza;
E já dentro da pura agua banhar-se
Mui alegres procurão desejosos.
Alli se via de formosas damas
Co'as Tagides lavar-se lindo bando;
D'alegres gritos, d'engraçados risos
Os ares sem cessar estão ferindo:
Assim o gosto, jubilo, alegria
Naquelles corações ternos só reina.
Mas eis que vem Belmiro de repente
Por mui cançadas cordas já puxando,
O riso disfarçar já não podendo,
Hnm vaso de madeira roto, e velho,
Instruido da Deosa no conselho.
« Eis aqui, diz, a forte, e grande barca,
« Determinada á pesca divertida.
« Eu mesmo de Phylinto acompanhado,
« Do alto rio, que vêdes, a corrente
« Com ella tentar vamos; nossas redes
« Lançar para colher o peixe incauto.
« Ser tão arduo, e dificil meu projecto
« Não excite temor em vossa idéa
« Vendo que eu, e Phylinto só no Téjo
« Dest'arte assim intrepidos pescamos;
« Nem o estado da barca vos assuste;
« Concertada a vereis em pouco tempo,
« Essas ondas salgadas hir cortando;
« Eu o Mestre serei, que em breve prompta
« A tornarei, evite-se a delonga.
« Vamos a trabalhar; mas tu Filinto,
« No entanto que a maré ao cáes não chega

» Pescadores ahi chama, que concertem
« Já essas velhas redes todas podres;
« As ferramentas eu vou sem demora
« Buscar, que são precisas ao trabalho. »
Isto dizendo, logo de madeira
Vem carregado; prégos, e martellos
Alli se vem; chapas de ferro, estopas;
D'alcatrão, pês, de breu fervem caldeiras
Do insoffrivel enxofre misturado:
Daqui, dalli o fogo mais se atêa
Por da barca ao costado se dar crena;
Do brilhante astro a lus escurecendo,
Que rápida ao Zenith voando corre,
Com grossos glomerões de negro fumo.
Té que Filinto vem c'os Pescadores,
Todos correndo com fadiga grande.
Na branca praia as redes já s'estendem,
Que de páo grossa agulha só conhecem,
Quando são feitas, quando se concertão.
Alli todos s'applicão ao trabalho,
Mas hum riso geral a todos move,
Vendo obra tão insólita, e tão nova!
Todos estão da viagem duvidosos,
E sobre ella questões se propõe novas.
Só Eucharis no gesto estava triste
E de sentida, e de aterrada os olhos,
Brilhantes sim, mas faltos de contento.
Com lagrimas ao terno Pai volvia,
A voz entre soluços mil soltando;
« Caro destes meus dias, Author caro,
« Como he possivel, diz, que estes dous homens
« Navegar na pequena barca possão?
« Como ser ha de n'agua sustentada?

« E com tão curtos remos, e tão fracos
« Vencer as ondas desta caudalosa
« Corrente tão veloz n'hum páo cavado
« Para outro uso diverso inteiramente?
« Assim se corta essa argentina estrada?
« Ah! Pai querido, deixa-te da Pesca,
« Que funesta ha de ser, já sinto n'alma
« E de mui grande p'rigo. Ah! Estes dias....
Mais proseguir não póde. O Pai tranquillo
Os olhos ternos á filha voltando:
« Acaso julgas tu, lhe diz, amada
« Prenda, e querida de minh'alma parte,
« Qu' a teu Pai mui difficil cousa seja?
« Não sabes que as maritimas Deidades
« Para nadar comigo desafio?
« Deixa cara Menina, deixa qu' hoje
« Meu voto com prazer seja completo
« A tão grandes pessoas, que nas margens
« Regosijo solicitas esperão.
Assim falla Belmiro á terna Filha.
Quando já no recóncavo rochedo,
Vai retinindo o golpe do pesado
Martélo, qu' escutar deixa cahindo
O echo, que trôa em proximas montanhas.
Daqui os duros prégos ministrava
Phylinto sem cessar, Fileno corta
Com fervorosa serra o taboado:
Dalli o malho sôa, as ferreas chapas
Estendendo com grande força dura
De fortissimo aço nas bigornas
Punções, enchós, serrotes, c' os escópros
Continuo nas ligeiras mãos trabalhão
Destes novos artistas desenvoltos.
Como as Abelhas, lá na Primavera,

Ao meio dia nos floridos campos,
Quando a todos o Sol ardente queima,
Trabalhão, lanção fóra a prole adulta;
Ou quando já nos favos o mel liquido
Vão condensando, e do suave nectar
Bebido em flores, suas casas enchem,
Ou quando a carga tirão ás cançadas,
Ou em cerradas hostes já expulsão
O inutil zangão dos cortiços fóra;
He o trabalho então mui fervoroso,
Do rosmaninho o mel conserva o cheiro.
Dos altos montes já grande concurso
De gente vem descendo para as praias,
Com estranheza grande, e nunca vista.
Para que esta Obra seja, o fim perguntão;
E de que servir póde a tal canôa?
D'Almada, dizem, e Cassilbas vimos,
Só porque lá nos dérão tal noticia.
Belmiro então com graça lhes responde,
«Cousas novas vereis, e nunca ouvidas.
Vem das pobres choupanas as crianças,
Que alli em grandes bandos se congregão;
Assim como os pardaes, aves daninhas,
Quando á loura seara vão o trigo
Visitar de manhã cedo, e de tarde,
Em nuvens se condensão mui espessas.
Desta sorte Belmiro se entretinha
Na barca com Phylinto, e com Fileno,
Bem descuidados do que no alto Olympo
Sobre a ardua viagem se passava,
Porque todos suspirão desejosos;
E sómente do mar s'espera o fluxo
Porque a barca navegue nunca vista.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO.

Juno, que a Pesca aparelhada observa,
Em seu Carro subindo, o Ceo procura,
Onde com grande choro, altos gemidos
De Belmiro se queixa ao Deos do raio;
E alta vingança em seu aggravo implora.
Apresenta-se Venus magoada,
Pelo innocente Pescador rogando:
Bacho o que a Deosa diz, sustenta firme;
Por esta parte Jove se declara.
Belmiro com a barca o mar navega,
E á Pesca divertida, já se entrega.

Juno ficára em cholera abrazada
Cruel, quando seus rogos, e belleza,
Attractivos, fadigas, e promessas,
Nada fizerão contra aquelle objecto
De sua antiga ira, rancor, odio
Agora renovados nesta gente.
  D' huma parte Neptuno vê propicio,
A's palavras de Venus inclinado,

Todas as tempestades socegando:
Que o Téjo antigo muito nos seus braços
Belmiro vêr deseja com a barca:
Da outra vê que Bacho está queixoso
Pela sua crueza, e tyrannia,
Porque desamparados seus altares
Sem gloria se verão eternamente,
Se Belmiro naquelles sitios falta;
Opportuna occasião agora vendo,
Das lindas aves já dirige os vôos
Ao riquissimo Throno adamantino
Do soberano Amon, Jove Supremo.
  Estava alli o Omnipotente Nume
Em cadeira sentado de brilhantes,
Na mão o Sceptro divinal empunha;
E com raios dardeja sobre o mundo.
São os degráos do mais fino ouro e puro,
Por onde ao Throno excelso se subia
De raros diamantes, e saphyras
Com arte, e symetria tachondas.
As estrellas em ordem admiravel,
Aonde firme o estrado aos pés lhe formão.
Os planetas abaixo estão do Solio
Na luminosa abobeda superna:
Vai no seu coche Apollo já correndo,
Cujas fervidas rodas abrazadas
Em vivas chammas, raios de luz vibrão:
Seu giro segue a Lua pela ecliptica
Que alterado não he por mão superna;
De varias côres finalmente as nuvens
Em glomerões formadas se misturão:
Alli d'immensas aguas se conservão
Os depositos grandes para as terras

Regar com chuvas no nevoso inverno:
Tufões d' horridos ventos, tambem raios
Fulminantes em bronzeos grandes cofres,
Alli sempre guardados s' afferrolhão.
As nuvens com seu carro vai rompendo
A Deosa irada; deixa atraz a Lua,
Junto passa do Sol; acima sóbe
Das lucidas estrellas; de repente
Vê o Pólo estellífero, morada
Aonde Jove Omnipotente habita,
Dos Deoses grande Pai, e Rei dos homens.
Alli a sorte existe destinada
De infelizes mortaes, de marmor negro
Com cercos d' ouro, n'huma grande Urna.
Desfeita aqui em pranto, com soluços
Emudecida a voz, com grande choro,
Seus rogos desta sorte em fim ao Padre
Já dirige: « ó Irmão meu tão querido,
« A quem indigna o ser immortal devo
« No luminoso Pólo lugar tendo;
« Que já mandes, te peço, das fornalhas
« De Vulcano os medonhos, e mais fortes
« Raios tirar qu' ás negras se confiem,
« E procellosas nuvens sem demora;
« Que os horizontes com ellas cobertos,
« O mundo com total ruina ameacem,
« A fim de que espalhadas fiquem, mortas
« Com os raios as gentes, odiosas
« Como sabes a mim ha tanto tempo.
« Isto me promettes-te já outr' hora,
« Esperando occasião mais opportuna,
« Quando o Ceo como agora busquei mesta:
« He tempo da palavra cumprir tua,

«Palavra, que tremer faz Ceos, e terra,
«O mar irado, as ondas Neptuninas.
Não duvída annuir já o Tonante,
Ao que com tal empenho pede Juno,
Mas como quer que os Deoses estas cousas
Saibão, e seu concelho todos prestem,
A Mercurio, seu filho, logo manda,
E mensageiro seu, qu' avise os Deoses,
E que na Sala Regia, alta Sob'rana,
Todos alli se juntem sem demora.
Do Orbe corre ligeiro as quatro partes
Qual seta aguda do arco despedida,
Que os ares com presteza vai ferindo,
Nos infernos tambem se precipita;
E no fundo do mar, qual grave pedra
Entra, os Deoses Maritimos chamando;
E bem como a cortiça leve sóbe,
Da mensagem resposta dando prompta
Ao Pai, que o filho espera, seu dilecto.
De par-em-par do alto Olympo s' abrem
As aureas portas: de fino ouro gemem
Com estridor as mui grossas couceiras.
Poder não tem os olhos, que supportem
A clara luz das pedras rutilantes,
De estrellas os milhões, qu' a entrada ornão.
Da via lactea as fulgidas boninas,
Os Deoses vem pizando mui formosas,
A ordem conservando, e dignidade,
Que he devida, e conforme lhes pertence.
Tremendo estão os Ceos com a Sob'rania
Dos poderosos Reis da Luz vestidos,
Que lhes determinára a sorte eterna.
Alli se apresentava a mui formosa

Rainha dos amores, rica, e bella;
Pelo collo, que a neve faz escura,
D'ouro os fios se esparzem ondeados,
Que da cabeça descem-lhe divina,
Onde huma adamantina fita os prende.
De azul celeste em véo mui delicado,
O' que o pejo encoberto guardar manda
Com firme honestidade, ella encobria:
As niveas carnes bellas já se mostrão
Em desejos envoltas mil que luzem,
Quaes astros, que no Ceo formosas brilhão;
O rosto angelical de carmim fino
Lindo, porém afflicto se conhece.
Dióne bella em pé de Jove em frente,
Taes cousas diz, sentida, e afanosa.
  « Jove, a que os Deoses todos obedecem,
« Omnipotente, eterno, alto, Sob'rano,
« Que tens dos Ceos o universal governo,
« E que a teus pés curvar tambem da terra
« Vês a machina grande, e protentosa;
« Que a teus preceitos tudo que creaste
« Obedece por Leis que lhe pozeste:
« Nunca pude julgar, que aquelles qu' amo
« Com tal crueza visse castigados
» Por ti, que só escutas, grande Numen,
« De Juno a calumniosa inveja, e ira.
« Amor, agrados, affabilidade,
« Respirar sempre vi em teu semblante,
« Quando á vista do Solio poderoso
« S' apresentava Venus filha tua.
« Mas que mudança encontro..! Te conjuro
« Digas: que mal Belmiro comettêra
« Para tanto soffrer? Mas, que, padeça,

«Pois só eu, tenho a culpa.... mais não disse;
Pois suffocada a voz em choro fica.
Desfallecida a toma o Pai nos braços
Seu rosto lindo vezes mil beijando.
Então Bacho da verde parra a crôa
Na testa cinge; ao throno se aproxima;
Do celeste licôr libando hum vaso,
Com impavido aspecto, prompto falla:
«Tudo o que Venus diz, verdade he pura,
«Formosa Filha tua, grande Jove;
«Lá do Téjo nas margens, nas raizes
«Dos montes, que de base a Almada servem
«O Caramujo existe socegado.
«He maritimo porto, alli altares,
«E templos dedicados mil eu tenho,
«Onde o licôr divino nunca falta,
«Que com festividades me consagrão;
«Alli á Pesca entrega-se Belmiro,
«Que intenta agora em barca mais pequena,
«Ou mui velha canôa entrar do Téjo
«A valída corrente, memoravel
«Este dia tornando para sempre;
«Juno, que ante teu Throno agazalhaste,
«Juno a isto altamente oppôr-se intenta,
«E só quer destruir tal regozijo,
«Porque a belleza sua vêr reputa
«De todos despresada, pois não sabe
«Que as Deidades alli tambem se adorão,
«O Ceo todos respeitão, e venerão,
«E nunca vistos são da Deosa imigos:
«Assim Jupiter grande, tu benigno
«D'Acidalia defire as justas precês;
«Senão, dos outros Numes ouve os votos,

« Conhecer então podes a verdade,
« Ou faze o que mais fôr do teu agrado. »
O seu discurso Bacho terminára,
Quando a cabeça inclina o grande Jove,
E com ar magestoso ao que ouve annue,
E a Juno voltando-se responde:
« Desta alma, cara mana, tu conheces
« Ditosa Esposa minha tão querida,
« O que nesta Assembléa decidírão
« A respeito da Pesca os altos Deoses,
« De Belmiro innocente passatempo:
« Punir os crimes com castigos grandes,
« E largas honras dar á sã virtude,
« São d'hum Deos attributos justiceiro;
« Tu outra cousa, bella Deosa, pede. »
Isto diz d'hum sereno tom mui grave,
Com que do Mundo os eixos se movêrão.
A' maneira de rosa rubicunda,
Quando he por mão campestre desfolhada;
Então sua belleza perde toda,
E em desmaios branqueja, desfallece;
Assim se mostra Juno Saturnina,
Chora, geme, soluça, nada vale,
Quando Jove signal faz de partirem.
Pela lactea via já pisando
Vem as Deosas de volta as lindas flores,
E aos lares seus Regios se recolhem.
Assim se determinão no alto Empyreo
Entre os Deoses as cousas sobre a Pesca,
Para que está Belmiro preparado,
Quando na praia ainda a companhia
Pelas ondas salgadas só espera,
Que de novo visitem os algosos

De rochas alcantís, onde os mariscos
De limo, e lodo çujos, e cobertos
Nas conchas murmurando estão fechados.
  Existem nos penhascos duros covas,
Onde o mar muito peixe em poças cria:
Da maré no refluxo alli s'escondem
Para os laços fugir dos Pescadores,
E no fluxo nadar no largo rio.
Na funda cova o feio caranguejo
De medo á mesma luz foge tomado,
E minar sua lapa só quer dura;
Se vê junto da porta algum estranho,
Para o pobre imbecil, que vão trabalho!
  A verdura da praia os porcos comem,
E no lodo profundas covas abrem,
Debaixó da nojenta agua tirando
O brïbigão, a ostra carcomida,
Em grossa lama, em negro lodo envolta,
Que entre os dentes mastigão duros, fortes,
Ouvindo-se muito longe tal ruido.
  De Patos acolá hum grande bando,
Que a longa, e larga praia toda cobrem,
Cuidadosos peixinhos tambem buscão,
Que tomando no largo bico, engolem.
O Massarico Real, ao travéz vôa,
Os ares vai ferindo em altos gritos,
Que o echo chocalheiro já repete;
Mas habil caçador occulto tiro
Dispara, que termina suas queixas,
E á terra o faz descer já sem alento.
Oh! Innocencia, como te perseguem!
Nem na solidão mesma estás segura!!
  As ondas cristallinas brandamente,

E como espelho as aguas chegão lisas,
Que pelas margens lentas s'esperguição;
Dos montes as raizes lambem verdes,
E do mar as espumas, negros limos,
Que nas pedras se nutrem, vão regando.
E já seu carro Apollo ao Zenith chega
C'o a fervida carreira inalterada:
Vão seus cavallos fogos despedindo,
Com qu'o mundo s'abraza, a terra queima.
Descanço breve tomão do caminho
Prolongo, que da esphera tem corrido,
Do mundo visitando os Polos ambos.
Porem entre transportes mil alegres,
Já entre admirações chega infinitas
Aquella decantada barca ás margens;
A velha rede vem, pela qual puxão
Da illustre companhia as personagens
Ainda as mais distinctas, ricas, nobres;
Na extremidade a corda segurando
Já Eucharis se vê formosa, e bella.
Os olhos tem alegres, alma triste,
O Pai proximo vendo a huma viagem
Onde julga correr arduo perigo.
Todos ora pertendem animá-la,
Mas nada a persuade, só a vida
Do Pai deseja terno, carinhoso
Se dilate, preciosa mais que a sua.
O Pio Capitão, que o velho Anchises
Salvar querendo do cruel incendio,
Em que abrazar Dardania Patria sua
Com tamanho horror vê, a largos passos
Intrepido o voraz fogo atravessa,
E com o Pai sobre os hombros vai fugindo

Ser a Eucharis póde comparado,
Que por livrar Belmiro de Neptuno
Com tão validas forças s'oppõe firme.
„Mil vezes, diz, ditosa eu me veria
„Se lá na cara Lysia repousasse,
„Se este lugar jámais tivesse visto.
„Assim he que o disvélo meu se paga?
„Delicias estas são do Caramujo?
„Mas assim minha sorte determinão
„Os Supremos Decretos do alto Olympo."
Isto diz, nada mais escutar deixa.
Mas já de pedra os firmes cáes com o pezo
De tanta multidão gemem oppressos:
Nada menos que a entrada lamentavel
Em Troia do Cavallo, dom dos Gregos
Fallaces, voto a Pallas simulado,
Que todos conduzir, tocar, vêr querem;
Ou quando no ar balão aerostatico,
Foge de todo aos olhos escondendo-se,
E pelas regiões navega puras,
Admirados deixando os circumstantes
Espectaculo igual s'apresentava
Pelas praias do rio encantadoras,
Quando o mar já a célebre canôa
Para a Pesca disposta vem chegando.
Belmiro se prepara com Phylinto;
Fileno vai tambem lançar as redes:
Já he visto o batel fragil nas ondas.
Difficuldades muitas se presentão,
Que pelos argonautas são vencidas.
A rede se prepara, que na barca
Já recolhida fôra, e só lhe falta
Remar bem para o largo com grão força.

Ao despedir-se de prazer risadas
Os ares enchem, vendo a barca a nado;
Admirados na praia todos ficão,
Quando ao peixe Belmiro a rede lança.
Mas em quanto elle assim se divertia,
Descanço á Lyra, tu, minha Camena,
Permitte já cançada, pois meus olhos
Já ao somno s'entregão perguiçoso;
Do vigilante gallo o canto escuto,
Por estes montes do echo repetido.
E já na procellana o leite alveja
Do indigente Pastor farto sustento,
Onde o mel se mistura c'o pão leve,
Manjar delicioso offerecendo-me.
Assim vivo contente entre os Pastores,
Retirado, ás Cidades grandes fujo,
E as desgraças contemplo desta idade;
Então comigo só taes cousas fallo
Todo confuso, afflicto, magoado:
« Como hum bem grande não estimo a vida,
« Nem desta idade os homens tão perversos;
« Não he, confesso, para mim a vida
« O bem mais dôce, que m'outorga Jove,
« Mas ente necessario a Natureza,
« Por mais fraco que seja, eu tambem formo
« Hum dos anneis da universal cadêa,
« Que liga o Rei soberbo, e poderoso
« Ao vil insecto, ao asqueroso verme,
« Que todos sorte igual tem no sepulchro!
« Se em bruta lapa as Musas adormecem,
« E no manso ribeiro as aguas bebem;
« Abrigado dos Notos desabridos,
« Em misera cabana desprovida

« D'espelhos finos, canapés dourados,
« Não me róubão ó somno vãs riquezas,
« Nem os titulos vãos da Fidalguia;
« Nem berlindas, rabões, nem escudeiros
« Me despertão cobiça; poucos livros
« Companheiros fieis, fieis amigos,
« Que a mágoa d'existir tanto m'adoção
« He só quanto m'adorna o estreito quarto. »
Mas qaando o louro Apollo em aureo coche
As redeas de diamantes saccudindo
Aos fogosos Ethontes, enche o Mundo
De nova luz, de placida alegria,
Adoro hum Ente Eterno, hum Deos qu'attenta
Aos miseros mortaes com piedade;
Hum Deos, qu'açama fulminante raio,
E a quem nenhum mortal illudir pode.
Talvez que o rico, o nobre, o impio zombe!
Porque nisto verdades só s'encerrão.
Camena emfim deixemos taes discursos:
Morpheo de mim em torno já volteja
Ignavo, perguiçoso, brando, molle;
Agora o pobre leito já me chama,
Ao repouso tranquillo me convida,
Por hum pouco socêgo permittindo
Da Pesca á Lyra de cantar cançada,
Porque de novo a afine mais sonora.

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

Enfurecida Juno ao Reino desce
De Plutão, Rei severo, e deshumano.
Graves tormentos vê nestes lugares;
Hecate, amiga sua, alli encontra:
He sobre o que pertende despachada,
Surge, demanda os montes teus, Almada.

Mas agora, Calliope, que Phebo
Traz o grande luzeiro do mar fundo,
Da roxa, e linda Aurora no regaço,
E com a sua vista o Mundo alegra,
As portas do Oriente já sahindo
Douradas, da Natura entre os prazeres,
Que o espera saudosa, he acclamado
Principe sem segundo, subalterno
Do alto Senhor do Orbe Omnipotente.
Já no seu longo carro a noite foge,
Das estrellas, que a seguem, circumdada,
Que o brilhantismo em pallidez mudárão;
Dellas no meio a Lua vai correndo,
Que já com tanta luz não resplandece;

As cortinas do Ceo densas se rasgão,
D'Apollo c'o a chegada tão saudosa.
Aqui junto a esta fonte cristallina,
Que nas margens do Téjo brota, e nasce,
E das aves palreiras entre os choros,
Que assim do Eterno as maravilhas cantão.
A meu fraco estro teus auxilios presta,
Pois da Lyra nas cordas já percuto,
Da Pesca a narração, que vou seguindo.
Admirados na praia todos deixa
Belmiro de Filinto acompanhado;
No salso mar as redes mergulhava,
O qual quieto como liso espelho
Lá na grande bacia se conserva:
Eolo no seu monte os ventos fecha,
Só respira de Flora o brando esposo,
Que pelos bosques suave, e dôce brinca;
As verdes folhas, que s'agitão, mostrão
Sua alegria, á qual os passarinhos
Com engraçados cantos já respondem.
Alli a todos vence a Filomella
Cantor de natureza apellidada,
Contra Theseo as queixas repetindo
Eternamente ao Ceo, á terra, aos homens.
Placido, está Neptuno socegado
No fundo mar com Amphitrite amante.
E debaixo de umbrosa faia todos
Como o grande Belmiro pesca observão.
Já mui pouco da terra se devisão
Os novos Pescadores tão audazes,
As redes no profundo mar deitando,
Quando ao Averno desce irada Juno,
De Belmiro o castigo procurando

Rigoroso, que a elle, e a pesca acabe,
Pois d'outros para o mal os máos se servem,
E só em Dite Juno se esperança.
Do Lethes ás medonhas praias chega;
Alli se vê Charonte na passagem
Occupado das almas, que na terra
Os crimes commettido tem nefandos.
A memoria se perde neste rio
Daquillo, que se fez antes no Mundo
Para outros soffrer castigos, penas.
Quando o barqueiro vê nas negras margens
A Deosa, que passar deseja afflicta,
« Oh! Quem quer que tu sejas, diz, não erro,
« Formosissima Deosa do alto Olympo!
« Acaso a mim fortuna se destina,
« De nesta barca triste receber-te?»
Perturbado d'amor, d'espanto cheio
Estas palavras diz o monstro horrendo;
Que algum espaço o negro remo deixa,
Com que a barca de côr de fumo rege,
Que reforça depois com grande alento,
Para hum, e outro lado meneando,
Até que á praia chegue com a Cymba.
Então a Deosa desta sorte falla:
« Das almas, ó Charonte, desgraçadas,
« Torvo barqueiro, qu'o Tartaro passão,
« Hoje me vês entrar na barca tua,
« E do inferno o infeliz rio medonho
« Do esquecimento, triste, negro, e feio,
« Navegar deste modo resoluta,
« Pois nada o Averno tem, que me dê susto;
« Sem demora portanto embarcar quero,
« E vêr essa caverna pavorosa.»

A Deosa apenas isto se acabava
De Charonte na barca infernal entra.
D'huma horrenda figura mui nojenta
He o Barqueiro do inferno pavoroso;
Longa, esqualida barba sobre o peito
Em suor asqueroso, cahe banhada:
Dos encovados olhos fogos lança;
Do rasgão que lhe forma a grande bôca
As orelhas os lados ambos tocão,
Onde amarellos dentes se descobrem,
Que mortos resuscitão, vivos matão
De puro medo, se este espectro virão.
Já os brancos cabellos empeçados
Sem ordem pelos fortes hombros cahem;
Destes huma enxofrada veste pende,
Cujo fetido a morte traz comsigo,
Descalços traz os pés, de lodo çujos.
Já da Deosa com o pezo a barca geme
Que hum lado off'rece as grossas ondas negras;
A lutulenta corda se desata,
Quando os gritos das almas se levantão,
Que a passagem na praia esperão sua;
A ellas inclinando a tôrva vista,
Brada com rouca voz, assim mui forte;
« Embarcar-vos agora não he dado,
« A barca volta já, diz. Logo larga.
No mastro a véla arvora ferruginea,
Com o remo aparta as ondas lodorentas;
A viagem vencido em fim já tendo,
Com segurança a filha de Saturno
Do rio na outra margem desembarca.
Da Deosa a mão beijar só quer por paga,
O que ella lhe recusa exasperada,
E de que se retire faz aceno.

Ri Então pelas arêas o caminho
Poma, que a negra entrada guia do Orco:
Volvendo os olhos, vai por toda a parte.
Daqui está o Cocyto alto, profundo
De gemidos, soluços, pranto triste,
De gravissimas penas sempre cheio.
Dalli se vê, grande lagoa, a Estygie,
Por quem jurar os Deoses mesmos temem,
Origem do Orco, sua mãi fecunda,
Cuja agua a morte dá a quem a bebe.
Nestes desertos vastos, só se encontrão
Bixos diversos, monstros infinitos,
Vês importunos vermes asquerosos,
Sevandijas, insectos mui nojentos:
Trovões horriveis, grandes terremotos,
He o que neste triste lugar s' ouve.
Assim seus passos guia ao negro Paço
A Deosa irada, de Plutão horrivel.
A infernal morada era de rude
Ferro mui tosco, mui negro em columnas
D' antigo marmor preto construida.
Altas torres s' elevão ferrugentas
Illuminadas por sulfureas chammas.
Os porteiros emblemas crueis ornão
Que a vingança, tristeza, rancor, odio,
A ruina, a discordia, em fim, a morte
Por verdadeiros ao natural pintão.
Alli o cão trifauce noite, e dia
Vigilante a entrada guardar sabe:
Jaz estendido; as famulentas fauces
Abertas mostra, aonde os negros dentes
Afiados se vêm: no chão a cauda
Negra, grande, disforme desenrosca;

De crueis fogos as scentelhas ardem,
Apenas vê a Dea chegar perto:
O lugar com latidos altos sôa,
Que tanto espanto aos reprobos excita!
Mas a Deosa hum pãosinho lhe dá certo,
Que depressa devora; adormecido
Cae em terra do pão pela virtude.
Entra no portico a Saturnia Juno:
Sómente ouvindo, estupefacta fica,
Ais, açoites, clamores, e cadêas
Com crueldade tal, que o peito fere;
Vai com grandes fantasmas tropeçando,
Que o peito abalão, e que a vista cegão.
Mas n'huma sala escura entra, e tristonha
Com Alecto, Thesyphone, e Megera,
Que por cabellos tem feras serpentes,
Vê, que, nas mãos accesos fachos tendo,
Eternamente as almas atormentão.
Andando as Parcas vê inexoraveis:
Do inferno os tres Juizes tão acerbos,
Que são Minos, Eaco, e Rhadamanto,
Estes das almas ouvem os delictos;
Algumas confessar tormento obriga
Com tortura cruel; alto flagello
Daqui sem piedade as pune, açoita;
Dalli de vivas serpes penetradas
São, que da bôca eternos fogos lanção;
Te que queimadas são no fundo lago.
Este lugar deixando, já procura
Onde o Rei implacavel tem seu Throno.
N'hum de marmore negro salão grande
Sobre ferreas columnas sustentado,
O Regio Solio está de Plutão sevo.

De ferro por degráos alli se sóbe.
Este assento Plutão severo occupa
D'evano feito, de ferro engastado,
Com magestade horrivel, espantosa.
Semblante carrancudo, rosto triste,
Ferozes olhos, que inquietos sempre
Em faiscas de fogo estão ardendo:
Tal o aspecto he do infernal Dite;
Filha de Ceres ao seu lado, a esposa
Deste tyranno Rei se vê sentada,
Que sabe mitigar com attractivos,
As vezes do marido a raiva insana.
Menos que elle he cruel, mas de fereza
Signaes mostra tambem não duvidosos.
O primeiro degráo do fatal Throno
A morte occupa negra, fêa, triste;
Nas mãos por Sceptro tendo horrivel fouce,
Que por terra a cabeça dos Monarchas
Prostra soberba, e do Pastor humilde,
Sem alguma diffrença d'igualdade.
Qu' espectros numerosos hi voltejão!
Raiva, desconfiança, odio, pobreza,
Discordia, engano sempre estão unidas,
Além d'outras paixões innumeraveis,
Que roem corações dos desgraçados.
Reis, Principes, Vassallos, pobres, ricos,
Nobres, plebeos, sabios, e ignorantes;
Pais c'os filhos eternamente chorão,
De sua dura sorte o mal lamentão.
A abobada do Averno denegrida
Do fumo, que s'eleva pestilente,
Espesso, deste sitio pavoroso,
Das serpentes com os sibilos s'atrôa.

Sustos, choros, temores, prantos, medos,
He o que sem cessar alli se escuta.
Os ouvidos fexando a tudo a Deosa,
Já s' aproxima intrepida do Throno,
Ante o qual fica em pé permanecendo;
Por signaes, de fallar mostra desejo.
Mal que o barbaro Rei a Deosa encara,
As chaves por hum pouco, que são Sceptro
Com que o inferno fecha, abre, governa,
De ferro a vista inclina respeitoso;
E d' espanto a esposa cheia, os olhos
Volve terriveis, o Tartaro escuro
Todo com este aceno se revolta.
Como quando succede alto tumulto
De loucas opiniões sempre nascido,
Nas armas cada qual já pega suas,
E contra o inimigo as arremeça.
Assim d' hum lado e d' outro as furias correm
Do successo ignorando o caso occulto,
Mas logo immoveis ficão; sombras parão,
Os gritos se suspendem; mesmo a morte
Pallida, desfallece, e quasi a fouce
Destructora com susto em terra larga.
« Deosa de Jove Esposa, irmã, (diz Pluto)
« Que foste, que motivo haverá grande,
« Que a morada Celeste a deixar tua
« Possa obrigar-te, e a que ao Averno desças
« Aonde sempre a morte, a noite habita?
« Dize, nestes lugares quem procuras?
« Deste Reino o que queres determina.
Taes com medonha voz dizia rouca,
Inda que menos horridas palavras,
Plutão, que quando as Leis impõe ao Orco,

Porque da Irmã o Nume respeitava,
E porque sempre a Juno agradecido
Desde Seculos longos elle fôra.
« Pela Stygia Lagoa pedir venho
« Por quem temem jurar Deoses eternos,
« (A Deosa lhe responde) oh! deste Averno
« Rei invencivel, pois só isto podes:
« Troculenta huma furia soltar mandes,
« Que a sociedade para sempre extinga,
« Que nas margens do Téjo alegre pesca.
« Os Deoses contra mim vejo indignados,
« Só de Venus rival minha por causa;
« Ella inspirou no peito de Belmiro
« Daquella pesca tão nova maneira,
« Querendo encadear corações ternos,
« Onde as setas o filho tem cravadas.
« Eucharis, e Phyilinto são as victimas
« Entre outras principalmente notaveis.
« Minha gloria offuscada, e grande nome
« No Ceo, na terra visto he, e no inferno.
« Eucharis de Belmiro he filha cara,
« Com quem mil attractivos, dôces graças
« A Deosa assim reparte, rival minha,
« Por quem tanto me vejo perseguida.
« Os desprezos tambem soffro de Bacho,
« Sem soccorrida ser em tal ensajo.
« Presta tu a meus rogos teus ouvidos,
« A Divindade minha defendendo;
« Escuta as minhas súpplicas, e preces,
« Que despachadas sejão sem demora,
« Ou nunca tornarás vêr minha face. »
A's queixas mui sentida Proserpina
De Juno se mostrava assim magoada.

Isto vendo Plutão, promette á Dea
«Que completo será tudo que pede,
«Que Belmiro, e Phylinto as aguas sorvão,
«E que verá descer em breve ao Orcho
«Do Téjo tão audazes Pescadores,
«Que inventárão a célebre canôa,
«E que viver jámais hão de na terra.»
Quando o discurso assim tem acabado,
Fortemente entre os braços a apertava,
Que o rosto banha em lagrimas amargas,
Deixando aquelles lugubres lugares.
Tanto que a luz conhece do alto Empyreo,
O carro suas aves vão puxando,
Que voando de Almada os montes buscão,
Para vêr de Belmiro a triste morte,
E da Pesca innocente o acabamento.
Cruelissima Deosa de vingança,
Que o gesto tens divino, alma de fera!
Que arrojo te conduz a ver os males,
Que a Belmiro acontecem innocente?
Tambem nos Deoses reina o mortal odio!
Mas já o Sol queimando vem a terra
C'os fortes raios, que dardeja Apollo,
Daquella Faia á sombra pois sentado
Desta manhã gosar vou a frescura;
A Lyra piscatoria tacteando
Nestes amenos bosques socegados,
Onde alegria, e jubilo respira,
Se meu estro, Calliope, já frôxo
Tu animas benigna, e sonorosa,

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO.

Desce Jove de Almada sobre os montes
Dos Deoses precedido gloriosos:
A Divindade sua o Téjo adora;
Seus louvores as Tagides lhe entôão.
Venus Neptuno, ao mar descendo, busca;
Alli alto Conselho se faz grande;
Vence a Deosa por Bacho defendida.
Grande chuveiro cahe no mar irado;
A barca com Belmiro já se volta:
A' praia o traz a linda Galathéa,
A familia o abraça, que o rodéa.

Mas neste tempo já mui longe estavão
Bem descuidados Belmiro, e Phylinto
Do que a Deosa no Tartaro passára,
As iras de Plutão sollicitando,
Contra os loucos trabalhos divertidos
D'aquella nova Pesca, e Pescadores,
Que no mar as compridas redes largão,
Onde milhares colhem de bons peixes,

Que em todos o desejo renovava
D'outro lanço deitar vêr désta barca.
Cada vez mais ao longe os dous navegão,
Que apenás cá da praia vêr se podem.
D'alegria exultavão assim todos,
Na Pesca mui contentes occupados,
Quando desce do Olympo Soberano
D'Almada aos montes a immortal Cohorte
De Jove precédida gloriosa,
Para observar d'alli de tantas iras,
De queixas tantas, o motivo, a pesca.
Lá topão Juno, que esperava inquieta
O desastroso fim de intrigas suas.
N'huma sombria gruta estava triste
Sentada; furor, cólera, ciumes
A rodêão alli seus companheiros,
Que a perseguem, devorão, mordem, matão.
Já do Ceo desce o Iris variado,
Que de mil côres nas nuvens se forma,
Executor de Juno ás ordens prompto.
Attonito então fica o Padre Téjo,
Nas margens admiraveis cousas vendo
Do rio, que de muitos Evos banha;
Dos Deoses os designios não conhece;
E lá do Olympo a que altos fins baixárão;
Por que razão do Ceo o Iris venha!
Taes pensamentos revolveo na mente,
E da vasta espelunca á porta chega,
Que abrio Natura, e consérva assim tosca,
Patente, aberta a todos do principio:
Alli á sombra recostado evita
Do luzeiro, que as terras queima, ardores,
Quando o agricola lasso desampara

Lá no campo a charrua vagarosa;
Ou os cançados bois conduz á fonte
Cristallina, onde a sede já mitiga
Mui grande, qu'as entranhas lhe seccava;
Ou quando para a cova vai levando
De conhecidos grãos proficua carga
Provida do futuro, atra formiga,
Debaixo do abrazado sol no Estio.
Ergue os olhos do monte para o cume,
E alta de Jove a Magestade adora
Com respeitoso, e grande acatamento.
D'humidos limos té ao peito a barba
Todo escarnado cae, de neve branca;
No rosto rugas, olhos encovados,
D'alto, e forte Gigante he a figura:
Musculos apparecem vigorosos
Quaes em Athleta algum jámais vio Marte,
Quando no campo as forças joga grandes,
Braço por braço, corpo a corpo, em nardo
Cheiroso desde os pés té á cabeça
Ungido, e outros ungueutos exquisitos.
As mãos no peito cruza reverente,
Nellas conserva a cana, que d'apoio
Sempre lhe tem servido: e entre o choro
Das Nereas de junco, e d'espadana
Croado, sobre areas de ouro puro,
Este Rei antiquissimo se assenta;
Os olhos outra vez ao cume eleva,
Onde do claro Olympo vê a gloria.
As bellas filhas, as Tagides lindas
Manda, que as aureas cordas já das Lyras
Vão affinando, e logo percutindo,
Comecem sonorosas os louvores

Docemente a cantar d'Amon excelso,
Seu poder adorando alto, e eterno.
Assim prostradas na dourada arêa,
Do Téjo as Nymphas humilhadas ficão.
Mas Acidalia, a quem nada he occulto,
Pois de Mercurio já fôra avisada,
Que ao Averno descido tinha Juno,
E dos contractos seus com Plutão feitos
No Palacio da morte feio, e negro,
A Belmiro castigos implorando:
Seu alígero filho em braços toma,
E já no carro seu subindo, o vôo
Para os campos ceruleos de Neptuno
Mui rapido dirige; deixa Paphos,
Cithera, Idalia, Chipre, e os incensos
Todos deixa, que em honra se lhe queimão
Nestes, e outros Templos mui famosos.
Apenas o Deos vê o salso argento
Por Venus ser cortado, e dividido,
E que assim a seu Reino humido desce,
Todo se admira; e para seu cortejo
Manda o negro Tritão, robusto filho
Seu, e correio, que com retorcido
Buzio, da Deosa a vinda annunciasse
Ao elemento frio em toda a parte,
E que por ordem sua logo chame
A todas as Maritimas Deidades.
O rouco som por todo o mar s'escuta;
Qual medonho trovão no fundo valle,
Que dos antros remove as mesmas feras,
Aonde sem os Pais os tenros filhos,
De cruel susto morrem, sem sustento.
D' Homem até ao pubis Tritão era

De disforme escamigera figura.
Nos hombros, da cabeça enorme limos
Por desgrenhados tem longos cabellos;
Longa cauda seu corpo terminava,
D' hum ingente veloz marinho monstro,
Com que os mares açoita embravecidos,
E corta o azul campo Neptunino.
  Assim ligeiro vai no vasto Oceano,
Do Pai as ordens, que tem, espalhando;
Quando do Velho d' improviso a casa
D' humidas Divindades, se vê cheia.
  Rico Palacio raro, e transparente,
Que mais diamante he, que cristal fino,
Tanto os olhos engana em brilhantissimo,
Quanto he falsa a idéa, que formamos!
Altas torres se vêm de madre-perla,
De coral rubicundas, exquisitas,
Sem artificio algum humano ornadas.
D' outra massa, que à prata mais polida
Branca, as rasgadas portas são mui ricas.
  D' hum argentino Solo este portento
Dos Deoses admirado, lá no fundo
Do largo mar s' eléva tão soberbo,
Dos Deoses, que apressados alli correm.
  Acompanhado o Padre Oceano chega
De seus immensos filhos, que creára;
Nereo com Doris vem, de cujas nupcias,
Povoado ficou todo o mar largo:
Protheu vem, que já tudo ante-previra,
De Neptuno pascendo o gado immundo.
  A formosa Amphitrite alli presente
Esta, diante de quem o mar irado
As forças perde, e subito se amansa.

Turba se vê de Nymphas infinita,
Que varios instrumentos doces tocão,
Que as ondas furibundas, e as correntes
D' harmonia encantadas, parar fazem.
  Tritões robustos as conchas diante
Mui grandes, e retortas vão tangendo
Dos Deoses, que o elemento bebem frio,
Alegre annunciando a fausta vinda;
Depois se seguem grandes peixes raros,
Cuja forma, e grandeza admira estranha.
  Das fundas covas os medonhos monstros
A' porfia sahindo vem, querendo
Vêr tambem espectaculo tão bello,
As escamas levantão grossas, negras;
Agudos dentes das rasgadas bôcas
Devoradores mostrão grandes, fortes.
  Escancára a balêa as largas ventas
Alli, monstro disforme, com qu' as ondas
Altas sóbe ás estrellas em espuma;
Vem as longas badanas sacudindo
Com que d'hum lado, e d'outro as altas serras
D' agua levanta, e pasmosas montanhas,
Só com seu admiravel movimento.
  Mas depois que na sala já sentados
Os Deoses todos por ordem se achavão,
Em estrados finissimos as Deosas,
E os Numes em cadeiras cristallinas;
Os labios de rubim Venus abrindo,
Desta maneira diz, com amargura:
« Rei Soberano das ceruleas ondas,
« Que o mar profundo habitas, tu que cinges
« Do Universo esta machina admiravel,
« Do largo Oceano c' os dous grandes braços,

« Que por alto destino ao mar imperas;
« N' huma fragil canôa nunca vista
« Do Téjo caudaloso as aguas corta,
« Os prazeres da Pesca exercitando,
« Belmiro sempre muito meu amado;
« E pois já que de mim, e de meu filho;
« (Ao menino cruel os olhos volve,
« Que ao peito ternamente seu aperta),
« He, e sua familia protegido;
« E como alli amantes ardem firmes
« Corações, que elle ha muito tem ferido:
« Juno, minha rival, isto sabendo,
« De Belmiro perder, procura os meios.
« D' Eolo alta procella outra hora excita,
« Que por ti socegada foi, bem sabes,
« Aos rogos meus cedendo tu benigno.
« Porem não satisfeita o Polo astrifero,
« De Jupiter morada eterna busca,
« Onde os Deoses concelho alto formárão,
« Em que escusado lhe he, o que pertende.
« Mas em fim de Plutão ao Reino desce,
« Onde a pallida morte triste habita:
« Do Rei cruel alli he acolhida
« Com mui grandes transportes d' alegria.
« De Athlante assim me disse o Gentil Neto,
« Que mais veloz, que a seta, excede os ventos;
« Huma furia víra bramindo infesta,
« Que o caro meu Belmiro no mar lance,
« E com elle Phylinto que o seguíra.
« Mas ah! Que digo! Vénus desgraçada
« Talvez privados já da vida sejão!
« Mas se remedio tens, Neptuno acode,
« Pois não queiras, te peço... meu Belmiro...

Mais não prosegue; os olhos as correntes
De lagrimas com amargura soltão,
Quaes cristallinas fontes se desfazem,
Por banhar os mimosos campos tristes,
Que as descoradas faces tornão bellas:
A voz entre soluços emmudece,
Em pallida a rozada côr se muda,
Mortaes suspiros o seu peito anceião.
Bacho seu companheiro inseparavel,
Que então alli viera neste ponto,
Taes a Neptuno diz estas palavras,
A crôa levantando pampinosa.
« O' Deos do mar profundo, tu me escuta,
« Mais que disse, dizer não póde Venus;
« Do Caramujo sou Patrono eterno;
« Eu requeiro o que implora a bella Deosa:
« Juno he prejura; Belmiro innocente;
« Juramento a verdade não precisa.
Dizendo isto ao antigo assento volta.
Neptuno, o forte tridente empunhando,
Com que o irado mar, e tempestades,
Quando lhe apraz, socega, ou alevanta,
Aos dous tranquillamente assim responde.
« Não cuideis Deoses, que o luzente Polo
« Habitaes sempiterno, glorioso,
« Occultas estas cousas a mim sejão.
« Declarado Protheu, deste rebanho
« Pastor, que vêdes, desse immundo gado
« De grandes Phocas, de terriveis monstros
« Me tinha; que de Lysia chegaria
« D'huma grande familia chefe illustre,
« A quem favorecer havias, Venus:
« Que tentaria em nova barca o Téjo,

« Sendo em riscos gravissimos envolto;
« Que Juno, rival tua, tua imiga,
« A' scena se opporia tão jucunda,
« Porque inda em seu cruel peito conserva
« O rancor, que nasceo no alto Ida,
« Contra huma Nympha por altos ciumes,
« Que he de Belmiro filha assaz formosa,
« A quem tão vivamente tu proteges;
« Só por Sociedade vêr brilhante
« De dignos jovens illustres, que a Pesca
« Querem gozar alegres nessas praias,
« Suas casas deixando camponezas:
« Que d'amor sentirião os duros golpes,
« E alli cantaria seu triumpho
« O vencedor ufano da batalha:
« Que de Saturno a filha desprezada
« Havia ser por seculos eternos:
« Taes cousas em seu animo revolve,
« Os desastres, que observas, procurando.
« Outras cousas Protheu tambem me disse,
« Que conheceis por longa experiencia,
« Como das que fallaes inda futuras.
« Mas que remedio, o mal tem já passado?
« Ao presente acudir agora cumpre.
« Da protecção pois minha ficai certos.
« Por mim de Juno atroz Belmiro livre
« Será do risco, que imminente vêdes.
Do mar os Deoses contentes exultão,
Todos ter querem parte nesta empreza,
E de Neptuno signal recebendo,
Aos aposentos seus já se retirão.
Volta Venus de Bacho acompanhada,
Que no cume repousa do alto monte,

Onde já preparado tudo encontrão
Para a ruina de Belmiro, e Pesca.
Dos feios horisontes vem de raios
As carregadas nuvens, que se elevão,
Que com ruido espantoso aos valles descem:
Os ventos sibilando pouco, e pouco,
Que a tempestade mais horrivel formão:
O Polo treme, o dia á vista foge,
O ar em fogos electricos se accende,
Que ameação a vida, a morte trazem,
Quaes esquadrões na guerra bem formados
D'hum lado, e outro metralha disparão:
De saraiva choveiros cahem fortes,
Que por terra os maduros fructos lanção,
De Belmiro a familia, a sociedade
De dar poder auxilio desespera
Do terno Pai á vida, ao caro amigo:
Feitos em desespero estão nas margens,
Que de lagrimas banhão copiosas;
Qual chora, qual lamenta a triste sorte,
Que alli os conduzíra, mas ignorão
De tal desgosto a causa inopinada.
Só Belmiro, que tudo bem conhece,
Porque Venus assim lho predissera,
As redes já tranquillo recolhia
Carregadas de bons, e grandes peixes;
E porque do caminho nada teme,
Mui ledo para a margem vem nadando,
Que dos olhos se alonga a cada passo.
Mas já no carro seu de fina concha
D'huma mui rara madre-perla feito,
De seu Palacio Neptuno sahíra;
As rodas são de aljofar precioso,

D'ouro o mais fino, e puro guarnecidas;
Que as vagas cortão tumidas, ligeiras,
Das ondas só tocando a superficie,
Por marinhos bezerros he puxado.
Diante os Delfins vem; os Tritões logo,
Nas mãos trazendo conchas retorcidas,
Que á porfia nos altos mares soprão,
E lá no mais profundo ouvir se deixão.
As rédeas governando vem do carro,
Tritões diversos nisto exercitados.
A seu lado Amphitrite vem sentada,
Amphitrite mais bella, que as estrellas,
Mimosa mais qu' as flores mais mimosas.
Sua côr branca, a neve faz escura;
Setas seus negros olhos já despedem,
Com que os peitos dos mesmos Deoses fere:
Basta hum ditoso olhar, só por qu' os ares
Se alegrem, se revistão d'ouro fino,
Rendidos já ficando, e namorados
Da formosa de Celo, e Vesta filha.
Fugindo vão as feias pardas nuvens,
Quando o divinal gesto mostra lindo,
Os ventos á braveza costumados,
Com que a terra, e o pélago revolvem,
Com espantosos gritos furibundos,
Nas cavernas socegão onde habitão,
Se os respeitosos ouvem seus preceitos.
Seu poder, sua graça a rôxa Aurora
Com sua magestade peregrina,
Quando a relva, dos Ceos nos verdes campos
Rega com suas lagrimas de aljofar,
Perder conhece de Amphitrite á vista.
Quando a Deosa apparece os elementos

A natural virtude mansos cedem;
Prostrados a seus pés humildes ficão:
O Delfim traz comsigo, que os amores
Do Rei aconcelhára, e desposorios,
Que a tão longas viagens o obrigárão.
D'ouro, e azul escamas veste ricas,
Que assaz a vista tornão agradavel.
Palemon no regaço tem sentado,
Que por Neptuno a Deos fôra subido.
De bellas Nymphas vem multidão grande
Nas mãos de raras flores com capellas.
Os Zephiros soprando brandamente
Do carro em torno, alégres vão com brincos.
Alli Thetis se junta co'as Nereidas,
Com Dryades, Napeas, e Nayádes.
Infinita caterva vem de monstros,
Que o lago humido habitão mais profundo;
Nas largas ventas salsas ondas sorvem,
Que depois em espuma ao ar levantão.
Mui socegado da ponta d'huma onda
A cabeça Neptuno encanecida
Deita; a borrasca attento encara fêa.
Ergue os olhos d'Almada para os montes,
E Jove no alto cume vê Supremo,
Alli dos Deoses todos rodeado;
As Tagides chorosas, tudo triste,
He o que nestas praias se vê hoje.
Apenas só Belmiro entre altas serras,
Que as ondas formão tumidas, se via,
Com valôr grande impavido luctando,
Até que em fim de ninguem mais he visto.
A noite se escurece; os trovões roucos
Montes abalão; raios quebrão penhas,

E estrondosas no mar as precipitão.
Da gente toda os gritos se redobrão.
Tudo he tristeza, confusão, lamentos,
Quando da vista Belmiro se perde.
Assim d'assombro pállidos estavão,
Quando negra, medonha, horrenda Furia
Do Averno desatando as prisões fortes,
Figura de cruel dragão tomando
Fogos lança dos olhos espantosos,
Que á vida os mortos, só de os ver tornára.
Chammas d'enxofre fetido, azuladas
D'huma profunda bôca sahem pestiferas,
Que espada têm por lingua bipartida,
Que estrondo faz nos dentes d'aço fino,
De qu' abertura immunda se guarnece,
Donde de quando em quando altos bramidos
Se ouvem com grande espanto temeroso.
Desenroscando a cauda pestilente,
Que por lança termina mui aguda,
Faz as cavernas estremecer negras,
Lá mesmo no mais fundo do Cocyto,
Com estridor medonho, e nunca visto.
Eis que as sombrias nuvens vai voando,
Que com o seu maldito halito empesta;
Ao mar desce veloz rapidamente.
A canoa, em que está Belmiro, volta,
E nas salgadas ondas já mergulha.
Belmiro com Phylinto só pertendem
A vida então salvar d'agua entre as serras:
Errão daqui, dalli, mas não atinão
Co'a praia desejada, onde a familia
Sua desgraça chora, amargurada.
Apenas ao clarão hum divisa outro,

Do medonho relampago, que os fére;
Que apparece, e no mesmo instante foge,
A mil dando lugar, que lhe succedem.
Logo que a infernal furia o mal perpetra,
Sua infernal morada antiga busca,
E nos grilhões eternos preza fica;
E que as ordens cumpridas já são suas
A Dite, sevo Rei, dá logo parte,
Que no semblante alegre bem se mostra.
Mas indignado neste ponto estando
O filho de Saturno, irmão de Jove,
Taes cousas vendo, bate com o tridente
Das ondas no alto cume, que já brandas
Socegão, e de longe envergonhadas
Com ruido horroroso vão bramindo.
Por Galathea então chama Nerine,
Porque auxilio a Belmiro prompto leve;
Do carro já descer quer Amphititre,
E com suas mimosas mãos livrá-lo.
Galathea ligeira vai qual seta,
Pois só quer ter a gloria de Belmiro
Salvar agora de tão grandes riscos.
D'hum robusto Tritão nos hombros monta,
Que meneando a cauda vai comprida,
As ondas espumantes dividindo;
Galathea ao batel proxima chega
De Nymphas rodeada numerosas,
Na figura excellentes, lindas, bellas:
Belmiro toma nos nevados braços,
Que no doce regaço já reclina:
Então o beja, e ternamente aperta
A formosura de seu lindo rosto
Entre caricias mil já transportada.

Do que vê hum fantasma julga, hum sonho
Belmiro assim da Nympha recebido,
Ao que com taes palavras corresponde:
« Em quanto o javali no monte; o peixe
« No mar viver profundo; o rosmaninho
« A deligente abelha em mel converta,
« Sustentes ó rocio, alguns insectos,
« Tua honra, louvores, e teu nome
« Serão eternos na memoria minha,
« Oh! Nympha do Oceano mais que todas
« Excellente, formosa, bella, linda,
« Já que de tantos males me livraste.
Mas de repente já na praia a Nympha
Desejada o colloca, e se despede,
Promettendo-lhe que jámais a Pesca
Sua, verá assim interrompida;
E da illustre familia o põe no centro,
Onde com mil festejos, com doçura
Por todos acolhido he ternamente
De seu caro Phylinto acompanhado,
Que salvára a formosa Panopea.
A' terra a rede se ala, onde contentes
O peixe escolhem sobre a branca praia,
Que de banquete vai servir mimoso.
Aqui paremos, Musa; minha Lyra
Pendente neste bosque eterna fique.
Já cançado me vejo do trabalho,
Que tão longo emprehendi; desafinadas
Da Lyra rouca as cordas já conheço.
As honras não procuro do Parnazo;
De verde louro as croas não desejo;
Vãos elogios falsos não pertendo:
Mui contente com a minha sorte vivo.

Meus dias mui alegre vou passando,
Deleitosos mil vezes, mais felizes
Do que esses, de que os Reis gosão em ricos
Magnificos Palacios adornados.
O' sã Phylosophia, ó tu verdade
Adoçada c'o as Musas, impõe termo
A meu canto, que já aqui termina:
E já Apollo no mar se precipita;
A Natureza sua ausencia chora,
Porque delle a alegria só recebe
Thetis os braços niveos lhe offerece,
E lá para seu leito o conduz meiga,
Que de claras estrellas preparado
Tem na mais rica sala do Oceano.
Mas em quanto adormece a Natureza
Esperando impaciente o novo dia;
Supponho que ha de desculpar Belmiro
Os vãos delirios meus, o nobre arrojo
D'hum Vate, que pretende com seus Versos
Mostrar-lhe que d'ingrato a feia nodoa
Nem por momentos manchará seu Nome.
Embora vil desgraça despiedada
Contra meu peito sem cessar fulmine;
Ameace de contínuo graves dàmnos.
Embora contra mim punhal buido
Eu veja erguido, e o golpe descarregue
Horrenda Parca, não, temer não devo,
Que assome o termo, e a meta inevitavel
Toquem meus dias, infelizes dias.
E quando em frio tumulo descance
Não hei de ser de lagrimas regado.
Inscripções, epitaphios não exijo,
Tropheos fallazes de horrida soberba.

Então da fria lapida Belmiro
Junto; Deos Maximo, Optimo invocando,
Depois que o horrendo funebre sepulchro
Me fechar para sempre, em pó tornado:
Tu, meu caro Belmiro, do teu Vate,
Que se lembrou do nome teo no Templo
Da Memoria deixar eterna escripto,
Te recorda, dizendo o adeos extremo.

F I M.

Vende-se na Loja de João Henriques, Rua Augusta, N.° 1; na de Antonio Marques, N.° 2 na dita rua; e na de Carvalho aos Paulistas.

ERRATA.

Pag.	Lin.	Erros.		Emendas.
Prologo— 1	21	passeando	lêa-se	pescando
Canto I— 11	22	nos dous	lêa-se	dos dous
—— II— 21	29	reges	lêa-se	rege
—— IV— 39	20	tachondas	lêa-se	tachonadas
——Ibi.— 42	11	formosas	lêa-se	formosos
——Ibi.— 44	26	as Deosas	lêa-se	os Deoses
—— V — 54	13	Vês	lêa-se	Vís



Martins Bastos
A pesca, poema, que a seus illustres

DATE ISSUED	DATE DUE	DATE ISSUED	DATE DUE